

CANTOS DE RESISTENCIA

NATALIA SIERRA

Autora compiladora de los testimonios

CANTOS DE RESISTENCIA

CANTOS DE
PRE
CIS
TE
CIA

Cantos de Resistencia

Autora:

Natalia Sierra

Pontificia Universidad Católica del Ecuador

bsierraf@puce.edu.ec

Ilustraciones:

Nadinka Flores

Traducción portugués-BR:

Joyce Palha Colaça

Diseño editorial:

Infográfi

ISBN digital:

978-9978-77-774-9

Producción:



**Pontificia Universidad
Católica del Ecuador**

**Yo vengo a contar el dolor que tengo
en el corazón.**

**Estamos amenazados allí donde
vivimos.**

**Una iglesia nos persigue porque dice
que somos hechiceras, brujas...**

**Quieren acabar nuestra religión,
nuestros cantos, nuestros rezos**

**Se están quemando nuestras casas
de oración**

**Nos hacen pelear entre nosotros...
nos están poniendo parientes contra
parientes**

**Yo soy GuaraniKaiowa, vengo desde
mi aldea para que juntos podamos
defender nuestra cultura, nuestra
religión**

**Pero, no solo nos atacan las
religiones de los blancos. También
nos atacan los hacendados que nos
quitan las tierras.**

**Esos son los dolores que traemos
en el corazón**

*Eu venho contar a dor
que tenho no coração.*

*Estamos ameaçados
lá onde vivemos.*

*Uma igreja nos
persegue, porque diz
que somos feiticeiras,
bruxas...*

*Querem acabar com
nossa religião, nossos
cantos, nossas rezas.*

*Nossas casas de
oração estão sendo
queimadas.*

*Fazem-nos brigar
entre nós... estão
nos pondo parentes
contra parentes*

*Eu sou Guarani
Kaiowa, venho da
minha aldeia para
que juntos possamos
defender nossa
cultura, nossa religião.*

*Mas, não só as
religiões dos brancos
nos atacam. Também
nos atacam os
fazendeiros que tiram
nossas terras.*

*Essas são as dores
que trazemos no
coração.*



APERTURA

Abertura



Desde la conquista y colonización de los pueblos del Abya Yala, y posterior invención de América Latina, sus territorios han sido objeto del saqueo sistemático que transformó los bienes naturales en recursos destinados al nacimiento, desarrollo, consolidación y expansión del capital. Este proceso de extracción y devastación se ha desarrollado en tres grandes periodos: El primero abarca los 300 años de la dominación colonial por los reinos de España y Portugal; el segundo alcanza los 200 años de la dominación del imperio anglosajón; y el tercero los últimos 20 años del siglo XXI, en el que se ha incorporado la China capitalista en su avance imperial. Esta es una historia de saqueo que dura más de 500 años y que ha provocado daños irreparables a la naturaleza y a los territorios de los pueblos originarios. Al mismo tiempo, es una historia de resistencia y lucha por la defensa de la vida natural y cultural que han levantado las comunidades campesinas de todo el continente, en contra del proyecto de extracción y muerte ejecutado por el capitalismo colonial y patriarcal. Una resistencia que ha sido reprimida con políticas genocidas y

Desde a conquista e a colonização dos povos de Abya Yala, e a posterior invenção da América Latina, seus territórios foram objeto do saqueo sistemático que transformou os bens naturais em recursos destinados ao nascimento, desenvolvimento, consolidação e expansão do capital. Este processo de extração e devastação se desenvolveu em três grandes períodos: O primeiro abarca os 300 anos da dominação colonial pelos reinos da Espanha e de Portugal; o segundo chega aos 200 anos da dominação do império anglo-saxão; e o terceiro, os últimos 20 anos do século XXI, nos quais foi incorporada a China capitalista no seu avanço imperial. Esta é uma história de saqueo que dura mais de 500 anos e que provocou danos irreparáveis à natureza e aos territórios dos povos originários. Ao mesmo tempo, é uma história de resistência e de luta pela defesa da vida natural e cultural que provocaram os levantes das comunidades campesinas de todo o continente contra o projeto de extração e morte executado pelo capitalismo colonial e patriarcal. Uma resistência que foi reprimida com políticas genocidas e etnocidas implemen-

tadas pelas corporações extrativas em acordo com os Estados e com a Igreja hierárquica. Uma luta que sofreu ameaças, perseguição, desaparecimentos, prisões, expulsões, desterro e mortes e que, entretanto prevalece no desejo das comunidades afetadas.

Hoje, tanto as empresas do eixo norte atlântico como as do eixo euroasiático – no marco da transição energética para as ‘energias limpas’, impulsionada pelo Fórum Econômico Mundial – buscam ampliar a fronteira de extração mineral em todas as zonas ricas em lítio. O falso ecologismo do capitalismo verde continua neste século depredando os territórios de Abya Yala. Apesar de toda a violência perpetrada pelas corporações mineradoras, os povos originários seguem resistindo e defendendo a vida. A perseverança desta luta histórica, em condições totalmente adversas para as comunidades, obriga a nos perguntarmos: O que sustenta e impulsiona a luta dos povos pela defesa de seus territórios naturais e culturais contra a expansão do capitalismo extrativista?

A resposta a essa enorme interrogação pode vir somente das pessoas que resistem e lutam em seus territórios, as pessoas que sofrem

etnocidas implementadas por las corporaciones extractivas en acuerdo con los Estados y la Iglesia jerárquica. Una lucha que ha sufrido amenazas, persegución, desapariciones, cárcel, expulsión, destierro y muerte y que, sin embargo, prevalece en la voluntad de las comunidades afectadas.

Hoy, tanto las empresas del eje norte atlántico como las del eje euroasiático –en el marco de la transición energética hacia las “energías limpias” impulsada por el Foro Económico Mundial– buscan ampliar la frontera de extracción minera en todas las zonas ricas en litio. El falso ecologismo del capitalismo verde, continúa en este siglo depredando los territorios del Abya Yala. Pesea toda la violencia perpetrada por las corporaciones mineras, los pueblos originarios siguen resistiendo y defendiendo la vida. La perseverancia de esta lucha histórica, en condiciones totalmente adversas para las comunidades, obliga a preguntarnos: ¿Qué es aquello que sostiene e impulsa la lucha de los pueblos por la defensa de sus territorios naturales y culturales en contra de la expansión del capitalismo extractivo?

La respuesta a esta enorme interrogante solo puede venir de las personas que resisten y

luchan en sus territorios, las personas que sufren la violencia del extractivismo minero, las personas que han perdido familiares en esta lucha, las personas que han tenido que abandonar sus territorios para no morir. Nadie más puede contestar esta pregunta, nadie puede suplantar la voz de las víctimas. Este texto recoge las palabras sentidas de personas defensoras de la Casa Común que se convocaron al encuentro: “Decimos no a la minería porque somos hijos e hijas de la Madre Tierra”, de las comunidades que integran la Red Iglesias y Minería¹, el mismo que tuvo lugar en Belisario-Brasil entre el 17 y 22 de agosto de 2023.

Compartimos aquí los testimonios de la resistencia de mujeres y hombres dentro de sus territorios de existencia y en un contexto donde la vida está permanentemente amenazada. Lo organizamos en tres campos de significación con el propósito de que el y la lectora pueda dirigir hacia ellos una mirada comprensiva sobre el lugar

violência do extrativismo minerador, as pessoas que perderam familiares nessa luta, as pessoas que tiveram que abandonar seus territórios para não morrer. Ninguém mais pode responder a essa pergunta, ninguém pode suplantar a voz das vítimas. Este texto reúne as palavras sentidas de pessoas defensoras da Casa Común que foram convocadas para o encontro: “Dizemos não à mineração, porque somos filhos e filhas da Mãe Terra”, das comunidades que integram a Rede Igrejas e Mineração¹, o mesmo que ocorreu em Belisário-Brasil entre os dias 17 e 22 de agosto de 2023.

Compartilhamos aqui os testemunhos da resistência de mulheres e homens dentro de seus territórios de existência e em um contexto onde a vida está permanentemente ameaçada. Organizamos em três campos de significação com o propósito de que o leitor e a leitora possam direcionar para eles um olhar compreensivo sobre o lugar de onde vêm, do que

1 “La Red Iglesias y Minería es un espacio ecuménico, conformado por comunidades cristianas, equipos pastorales, congregaciones religiosas, grupos de reflexión teológica, laicas, laicos, obispos y pastores que buscamos responder a los desafíos de los impactos y violaciones de los derechos socio-ambientales provocados por las actividades mineras en los territorios donde vivimos y trabajamos”. Iglesias y Minería. “Quiénes Somos” Iglesias y Minería. <https://iglesiasymineria.org/>

1 “A Rede Igrejas e Mineração é um espaço ecumênico, conformado por comunidades cristãs, equipes pastorais, congregações religiosas, grupos de reflexão teológica, laicas, laicos, bispos e pastores que procuramos responder aos desafios dos impactos e violações dos direitos socioambientais provocados pelas atividades mineradoras nos territórios onde vivemos e trabalhamos”. Igrejas e Mineração. “Quem Somos” Igrejas e Mineração. <https://iglesiasymineria.org/>

trazem e para onde vão estas experiências dolorosas. Aproximamo-nos às palavras diretas, íntimas, sofridas que foram expostas em um círculo de confiança que somente se estabelece em comunidade, no cara a cara da comunidade. Protegemos a identidade das pessoas que confiaram na Rede, já que consideramos que o único rosto que importa está em seu testemunho que interpela por justiça. A palavra que testemunha a existência tem um conteúdo afetivo, que busca que se reconheça o sofrimento e a esperança do afetado e que afete ao que o recebe. Então, esperamos que o leitor e a leitora recebam a palavra das mulheres e dos homens que decidiram compartilhar sua experiência de luta e resistência nos territórios sacrificados de Abya Yala.

Receber a palavra à luz da comunidade e da ancestralidade que abriga cada pessoa que dá seu testemunho permite recebê-la em sua essência, sem as mediações cognitivo-conceituais prévias que prejudicam a escuta. Somente desta maneira acessamos ao privilégio de nos conectarmos com o sentimento que há na palavra, tanto da pessoa individual que nos fala como da comunidade à que se pertence. Mais ainda, a palavra testemu-

de dónde vienen, qué traen y hacia dónde van estas existencias dolidas. Nos acercarnos a las palabras directas, íntimas, sufridas, indignadas que se expusieron en un círculo de confianza que solo se establece en comunidad, en el cara-a-cara de la comunidad. Hemos protegido la identidad de las personas que confiaron en la Red, ya que consideramos que el único rostro que importa está en su testimonio que interpela por justicia. La palabra que testimonia la existencia tiene un contenido afectivo que busca que se reconozca el sufrimiento y la esperanza del afectado y que afecte al que lo recibe. Entonces, esperamos que el lectora reciban la palabra de las mujeres y los hombres que han decidido compartir su experiencia de lucha y resistencia en los territorios sacrificados del Abya Yala.

Recibir la palabra a la luz de la comunidad y la ancestralidad que cobija a cada persona que da su testimonio permite recibirla en su esencia, sin las mediaciones cognitivo-conceptuales previas que prejuician la escucha. Solo de esta manera, accedemos al privilegio de conectarnos con el sentimiento contenido en la palabra, tanto de la persona individual que nos habla cuanto de la comunidad a

la que se pertenece. Más aún, la palabra testimonial trae el sentir de los territorios heridos, el grito de dolor de la tierra que se hunde en su origen cósmico. La palabra testimonial apertura la experiencia de la resistencia y al mismo tiempo es la experiencia de la apertura al origen de la resistencia. Esta apertura coincide con el ser comunitario, ancestral y cósmico que resiste, lucha y re-existe. En la palabra testimonial el ser de la resistencia aparece y se hace comprensible el dolor, la ira y la esperanza de las comunidades afectadas. Comprender la palabra de la resistencia es aprehenderla a partir de la resonancia de la comunidad y la ancestralidad que la trasciende, de ahí que dicha resonancia sea indispensable para la escucha.

El rostro de la resistencia aparece a través de la palabra que revela no un dato que mantiene al que escucha en su lugar de seguridad, en su mismidad. El rostro de la resistencia se niega a ser contenido en el significado controlado del concepto o la estadística y, así, permanece infinitamente trascendente a cualquier explicación preconcebida que neutralice su fuerza de interpelación por justicia. El aparecer de la resistencia rompe la continuidad de cualquier discurso explicativo

nhal traz o sentir dos territórios feridos, o grito da terra que se funde em sua origem cósmica. A palavra testemunhal abre a experiência da resistência e ao mesmo tempo é a experiência da abertura à origem da resistência. Esta abertura coincide com o ser comunitário, ancestral e cósmico que resiste, luta e re-existe. Na palavra testemunhal, o ser da resistência aparece e faz compreensível a dor, a ira e a esperança das comunidades afetadas. Compreender a palavra da resistência é apreendê-la a partir da ressonância da comunidade e da ancestralidade que a transcende, daí que tal ressonância seja indispensável para a escuta.

O rosto da resistência aparece através da palavra que revela um dado que mantém ao que escuta em seu lugar de segurança, em sua mesmidade. O rosto da resistência se nega a ser contido no significado controlado do conceito ou da estatística e, assim, permanece infinitamente transcendente a qualquer explicação preconcebida que neutralize sua força de interpelação por justiça. O surgimento da resistência rompe a continuidade de qualquer discurso explicativo sobre ela, que ao convertê-la em tema ordenado de forma ló-

gica a esvazia de afetividade. Por esta razão, o rosto da resistência transborda com suas emoções e sentimentos toda compostura discursiva que impede que seu surgimento afete ao que escuta. Estabelece-se, então, uma relação ética e afetiva entre aquele que dá seu testemunho e aquele que o recebe, sem que esta relação destrua a distância que os separa e que mantém o rosto da resistência sempre transbordando qualquer explicação.

A palavra que testemunha excede a capacidade do pensamento para explicar a resistência em todo seu simbolismo comunitário e ancestral, assim como, em toda sua experiência espiritual e emocional. A palavra se nega ao trabalho do entendimento e aos seus poderes neutralizantes, resiste a que a resistência seja aprisionada em relatórios quantificáveis, resiste ao poder que se exerce como conhecimento carente de compromisso. Quando o leitor experimentar este transbordar poderá receber o rosto da resistência e será interpelado pela justiça. Nesse justo momento se dá a compreensão ética e afetiva que esperamos. “... a profundidade que se abre nesta sensibilidade modifica a natureza pró-

sobre ella, que al convertirla en tema ordenado de forma lógica lavaciade afectividad. Por esta razón, el rostro de la resistencia desborda con sus emociones y sentimientos toda compostura discursiva que impide que su aparecer afecte al que escucha. Se establece, entonces, una relación ética y afectiva entre aquel que da su testimonio y aquel que lo recibe, sin que esta relación destruya la distancia que los separa y que mantiene el rostro de la resistencia siempre desbordando cualquier explicación.

La palabra que testimonia excede la capacidad del pensamiento para explicar la resistencia en todo su simbolismo comunitario y ancestral, así como, en toda su experiencia espiritual y emocional. La palabra se niega al trabajo del entendimiento y a sus poderes neutralizantes, se resiste a que la resistencia sea apresable en informes cuantificables, se resiste al poder que se ejerce como conocimiento carente de compromiso. Cuando el lector experimente este desbordamiento podrá recibir el rostro de la resistencia y será interpelada por justicia. En este justo momento se da la comprensión ética y afectiva que esperamos. “...la profundidad que se abre en esta sensibilidad modifica

la naturaleza misma del poder que no puede ya aprehender”², del poder de conocimiento que destruye el testimonio. La experiencia del desbordamiento de la palabra que da su testimonio, y que abre el rostro de la resistencia, nos lleva ante una verdad que no se puede obviar ni neutralizar, solo recibirla, solo aceptarla.

La escucha de la palabra testimonial trae al presente de la comprensión una larga historia de resistencias y, entonces, es una manera de luchar en contra del olvido. Las palabras se van juntando y tejiendo la historia, la otra historia, la que no fue contada; la historia proscrita y confinada al olvido. Así, la palabra testimonial nos devuelve la memoria y nos saca del olvido. La función de la memoria en sociedades condenadas al olvido permite recuperar nuestra temporalidad y recordar lo pasado e interrogarlo desde nuestras demandas presentes. La memoria de la resistencia evita que vivamos el presente de dominación como destino. En la palabra que testimonia habitan “las vivencias que han

pria do poder que já não pode apreender” (Levinas, 1977, p.)², do poder de conhecimento que destrói o testemunho. A experiência do transbordar da palavra que dá seu testemunho, e que abre o rosto da resistência, nos coloca diante de uma verdade da qual não se pode esquivar nem anular, somente recebê-la, somente aceitá-la.

A escuta da palavra testemunhal traz ao presente da compreensão uma longa história de resistências e, então, é uma maneira de lutar contra o esquecimento. As palavras vão se juntando e tecendo a história, a outra história, a que não foi contada; a história proscrita e confinada ao esquecimento. Assim, a palavra testemunhal nos devolve a memória e nos tira do esquecimento. A função da memória em sociedades condenadas ao esquecimento permite recuperar nossa temporalidade e recordar o passado e interrogá-lo a partir das nossas demandas presentes. A memória da resistência evita que vivamos o presente de dominação como destino. Na palavra que testimonia habita “as vivências

2 Levinas, Emmanuel. Totalidad e Infinito ensayos sobre la exterioridad. (Salamanca: Sígueme, 1977) 211.

2 Levinas, Emmanuel. Totalidad e Infinito ensayos sobre la exterioridad. (Salamanca: Sígueme, 1977) 211.

que os ventos do esquecimento e do tempo resistiram na desigual travessia da vida” (Rueda, 1986, p.)³.

Os testemunhos da resistência que são compartilhados são uma expressão das pessoas e das comunidades em busca de sua verdade e do significado de sua luta. Não acreditamos que seja necessário que o leitor e a leitora que escutam esses testemunhos tenham que se perguntar: como e por que recordam? Como narram? Se sua narração é coerente e ordenada em um discurso lógico? Por que não querem esquecer suas dores que foram e que são? Por que querem explicar seu presente desde o passado e a dor? Talvez somente precise saber que: “a luta do indivíduo contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento” (Rueda, 1986, p.)⁴.

A memória é, sobretudo, dizem nossos ancestrais, uma poderosa vacina contra a morte e alimento indispensável para a vida. Por isso, quem cuida e guarda a memória, guarda e cuida da vida; e quem não tem memória está morto... Somos muitos e muitas os que ao procurar a memória estamos procurando

resistido los vientos del olvido y del tiempo en la desigual travesía de la vida”³.

Los testimonios de la resistencia que se comparten son una expresión de las personas y las comunidades en busca de su verdad y del significado de su lucha. No creemos necesario que la lectora que escucha estos testimonios tenga que preguntarse ¿cómo y por qué recuerdan? ¿cómo narran?, ¿si su narración es coherente y ordenada en un discurso lógico?, ¿por qué no quieren olvidar sus dolores que fueron y qué son?, ¿por qué quieren explicar su presente desde el pasado y el dolor? Quizás solo se necesite saber que: “la lucha del individuo contra el poder, es la lucha de la memoria contra el olvido”⁴.

La memoria es, sobre todo, dicen nuestros más primeros, una poderosa vacuna contra la muerte y alimento indispensable para la vida. Por eso, quien cuida y guarda la memoria, guarda y cuida la vida; y quien no tiene memoria está muerto... Somos muchos y muchas los que al buscar la memoria estamos buscando partes de

3 Rueda, Salvador. “La lucha de la memoria contra el olvido”. *Revistas Historias*. 13 (1986): 142-145. <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/15197>

3 Rueda, Salvador. “La lucha de la memoria contra el olvido”. *Revistas Historias*. 13 (1986): 142-145. <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/15197>

4 Rueda, Salvador. “La lucha de la memoria contra el olvido”. *Revistas Historias*. 13 (1986): 145.

4 Rueda, “La lucha...” 145.

nuestro rostro. Quien nos pide que olvidemos, nos pide que sigamos incompletos, usando las prótesis que el Poder oferta⁵.

A través de la palabra que testimonia, lo olvidado se hace actualidad y la historia oficial de la dominación pierde su derecho a la última palabra, necesariamente injusta para la víctima olvidada e inevitablemente cruel. La memoria de la resistencia olvidada no significa que pase al orden de la historia oficial, significa que su recuerdo abre la otra historia. Por esta razón la palabra testimonial es, también, una fuerza de descolonización que desagravia el olvido y encubrimiento sufrido por los pueblos colonizados. La memoria de la resistencia nos hace capaces de construir nuestra propia historia, nuestro relato existencial, nuestro propio destino.

En la palabra que testimonia coincide el ser de la comunidad y su aparecer como lucha, dolor, indignación y esperanza. Razón por la cual, más que un concepto es un símbolo, la presentación sensible de un mundo complejo cuya densidad resulta difícil atraparla en una idea

do partes do nosso rosto. Quem nos pede que nos esqueçamos nos pede que sigamos incompletos, usando as próteses que o Poder oferece.

Através da palavra que testemunha, o esquecido se faz atualidade e a história oficial da dominação perde seu direito à última palavra, necessariamente injusta para a vítima esquecida e inevitavelmente cruel. A memória da resistência esquecida não significa que passe à ordem da história oficial, significa que sua recordação abra a outra história. Por esta razão, a palavra testemunhal é, também, uma força de descolonização que repara o esquecimento e a ocultação sofrida pelos povos colonizados. A memória da resistência nos faz capazes de construir nossa própria história, nosso relato existencial, nosso próprio destino.

Na palavra que testemunha coincidem o ser da comunidade e o seu surgimento como luta, dor, indignação e esperança. Razão pela qual, mais que um conceito, é um símbolo, a apresentação sensível de um mundo complexo cuja densidade é difícil que se prenda em uma ideia abstrata. Em sua qualidade de símbo-

5 Subcomandante Insurgente Marcos, "A los niños, niñas, ancianos, ancianas, jóvenes, jóvenes, hombres, mujeres de la Argentina" EZLN https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2001/2001_03_24.htm

5 Subcomandante Revolucionário Marcos, "Aos meninos, meninas, anciãos, anciãs, jovens, homens, mulheres da Argentina" EZLN https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2001/2001_03_24.htm

lo, expressa emoções e sentimentos, princípios espirituais e religiosos, valores sociais, crenças e práticas culturais e ideologias. Por isso, o testemunho não explica senão interpela por justiça, apela para a empatia mais que para a lógica e, por isso, nos permite transitar da nossa realidade ao mundo que abre para a palavra que testemunha. Não é possível, então, fragmentar o testemunho em frações explicativas suscetíveis a ser calculadas e classificadas dentro de conjuntos conceituais prévios. Não estamos diante de cadeias de significação lógica, cadeias de casualidade, estamos diante de um rosto ao qual é preciso receber, hospedar e cuidar.

Ouvir a palavra que testemunha é sentir a resistência que vem do passado e o eco do futuro porvir. Com esta breve abertura, deixamos que a palavra que testemunha circule por nossos corações. Três perguntas convocaram à palavra da resistência: De onde viemos? O que trazemos? Para onde vamos? Perguntas que nos convocam a habitá-las, vivê-las, sofrê-la antes de ser respondidas.

abstracta. En su cualidad de símbolo, expresa emociones y sentimientos, principios espirituales y religiosos, valores sociales, creencias y prácticas culturales e ideologías. Por esto, el testimonio no explica sino interpela por justicia, apela a la empatía más que a la lógica y, por ello, nos permite transitar de nuestra realidad al mundo que abre la palabra que testifica. No es posible, entonces, fragmentar el testimonio en fracciones explicativas susceptibles a ser calculadas y clasificadas dentro de conjuntos conceptuales previos. No estamos frente a cadenas de significación lógica, cadenas de causalidad, estamos frente a un rostro el cual hay que recibir, hospedar y cuidar.

Oír la palabra que testimonia es sentir la resistencia que viene del pasado y es el eco del futuro porvenir. Con esta breve apertura dejamos que la palabra que testimonia circule por nuestros corazones. Tres preguntas convocaron a la palabra de la resistencia: ¿De dónde venimos? ¿Qué traemos? ¿Hacia dónde vamos? Preguntas que nos convocan a habitárlas, vivirlas, sufrirla antes de ser contestadas.

¿DE DÓNDE VENIMOS?

De onde viemos?

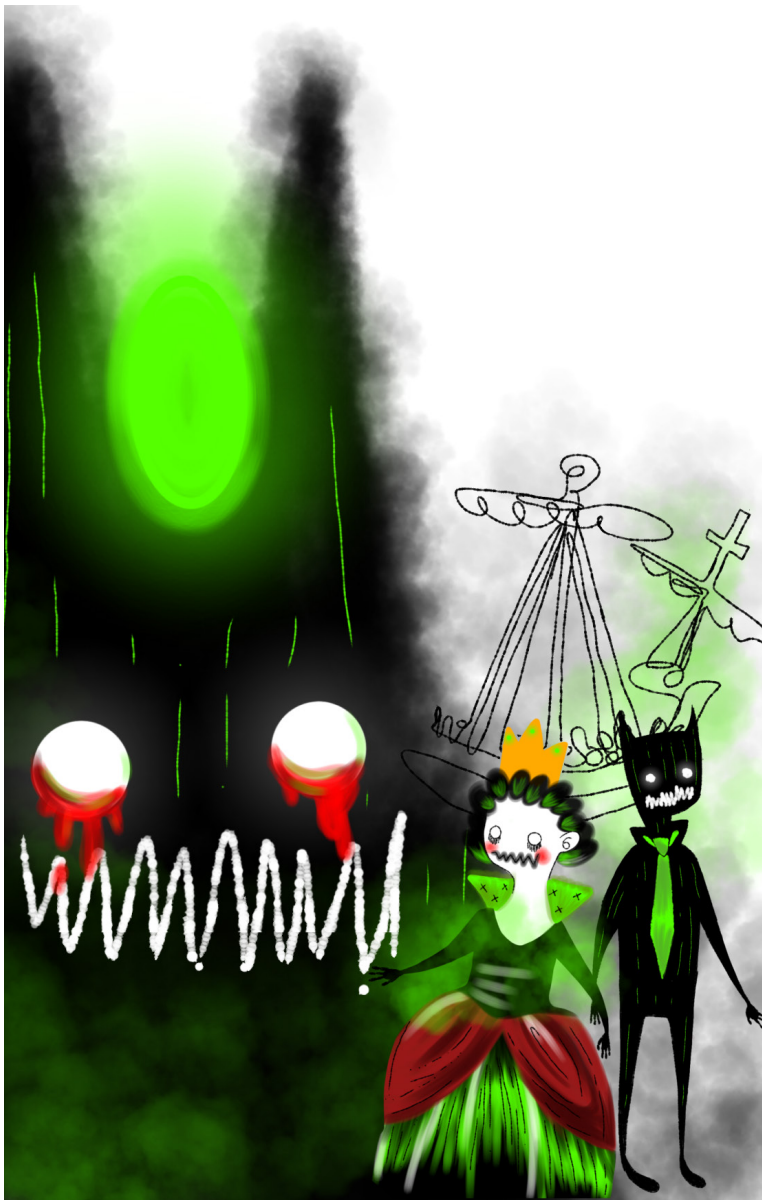


Venimos desde antes, desde siempre, de muy lejos en el tiempo. Venimos doliendo y resistiendo. Venimos de nuestra tierra herida, ultrajada. Hemos sido humillados y fracturados por el demonio minero. Sin pedir permiso, llegó con sus colmillos y garras, cogidito de la mano del Estado y la Iglesia, haciéndose el bueno, escondiendo su veneno con mentiras y promesas falsas. Llegó a aprovecharse de nuestro abandono y nuestra pobreza, sembrando su dinero sucio para dividirnos, nos extorsionaba demostrando su obsceno poder. El demonio minero tiene la tenebrosa marca del despojo y la destrucción de 1492, año en el que el Sol se hundió en las tinieblas, año de nuestra tragedia, año del inicio de la resistencia de los seres de maíz.

El monstruo ha cambiado su apariencia, ya no usa aquella vieja capa de terciopelo, ya no adorna su rabiosa cabeza con una corona forjada con el oro del despojo, ahora viste elegante, de traje y corbata, sonríe por debajo para no mostrar sus encías sangrantes fruto de su maldad derramada por medio milenio. El demonio minero llegó y rompió los cuerpos de las mujeres, de sus

Vimos de antes, de siempre, de mucho tiempo. Venimos sufriendo e resistiendo. Venimos da nossa terra ferida, ultrajada. Fomos humilhados e quebrados pelo demônio mineiro. Sem pedir permissão, ele chegou com suas presas e garras, segurando nas mãos do Estado e da Igreja, fingindo-se bom, escondendo seu veneno com mentiras e promessas falsas. Chegou a se aproveitar de nosso abandono e nossa pobreza, semeando seu dinheiro sujo para nos dividir, nos extorquia demonstrando seu poder obscuro. O demônio mineiro tem a tenebrosa marca do saqueio e da destruição de 1492, ano em que o Sol se fundiu às trevas, ano de nossa tragédia, ano do início da resistência dos seres de milho.

O monstro mudou sua aparência, já não usa aquela velha capa de veludo, já não adorna sua raivosa cabeça com uma coroa forjada com o ouro do saqueio, agora se veste de modo elegante, de terno e gravata, com um sorriso dissimulado para não mostrar suas gengivas sangrentas, fruto de sua maldade derramada por meio milênio. O demônio mineiro chegou e separou os corpos das mulheres, dos seus filhos





e de suas filhas, dos corpos das comunidades. Aí é de onde viemos, deste crime infame e doloroso, deste corpo-território ferido, dessa imensa dor que emerge das feridas e se dispersa por toda a morada dos deuses.

Vemos de uma história de violência que dilacerou nossos corpos e nossas almas, que nos provocou cortes profundos, perfurações irreversíveis, brechas e desgraças visíveis e invisíveis. Feridas que nos fazem vulneráveis e que também nos dão a força para resistir.

Vemos da dor de uma história interrompida pela cruz e pela espada que portavam esses outros demônios vestidos de metal que chegaram a nossas terras e acabaram com os seres de milho. Vemos da violência de uma igreja que conspirou com o demônio mineiro contra nós, povos originários. Vemos do desprezo a nossas crenças, aos nossos deuses e deusas, aos nossos ancestrais.

Vemos de povos desarraigados de suas origens e de sua cultura, presos em promessas falsas de governos e de empresas. Deixam-nos sem origem, convertidos em wakchas, “animais solitários”, órfãos sem passado, sem ancestrais, condenados a peram-

hijos e hijas, de los cuerpos de las comunidades. De ahí venimos, de este crimen infame y doloroso, de este cuerpo territorio herido, de ese inmenso dolor que emerge de las heridas y se esparce por toda la morada de los dioses.

Venimos de una historia de violencia que ha lacerado nuestros cuerpos y nuestras almas, que nos ha provocado cortes profundos, perforaciones irreversibles, grietas y desgracias visibles e invisibles. Heridas que nos hacen vulnerables y que también nos dan la fuerza para resistir.

Venimos del dolor de una historia interrumpida por la cruz y la espada que portaban esos otros demonios vestidos de metal que llegaron a nuestras tierras y acabaron con los seres de maíz. Venimos de la violencia de una Iglesia que conspiró con el demonio minero en contra de nosotros, pueblos originarios. Venimos del desprecio a nuestras creencias, a nuestros dioses y diosas, a nuestros ancestros.

Venimos de pueblos desarraigados de sus orígenes y de su cultura, atrapados en promesas falsas de gobiernos y empresas. Nos dejan sin origen, convertidos en wakchas, “animales solitarios”, huérfanos sin pasado, sin ancestros, conde-

nados a deambular en soledad por las sombras. El monstruo quiere asesinar a nuestra Madre Tierra, dejarnos sin comunidad y sin hogar; nos quieren convertir en seres sufrientes, empobrecidos, expulsados y abandonados. Nos condenan a convertirnos en seres solitarios que han perdido el espíritu y han dejado de reconocer quiénes somos, qué sentimos, qué queremos. Sin mundo somos tragados por la tristeza y la ansiedad, estamos extraviados.

Venimos de una tierra envenenada por el pecado de la codicia que enaltece el dinero, lo más miserable de lo miserable. Con su toxina el monstruo corta de raíz lo que espera florecer, la vida porvenir, el alimento que necesitamos, la belleza que nos calienta; con su ponzoña esparce la enfermedad y la muerte. Venimos de vivir y resistir ese elemento hostil que merma nuestra posibilidad de una vida plena.

El mercurio, el odio, el cianuro, la traición y la ambición han violado el cuerpo de la Madre Tierra, de la comunidad y de las personas para necrosarlo todo. El veneno ha calcinado nuestros cerros y con sus trece metales tóxicos ha enfermado nuestros cuerpos y nos ha provocado sufrimiento extremo. A veces,

bular em solidão pelas sombras. O monstro quer assassinar a nossa Mãe Terra, nos deixar sem comunidade e sem lar; querem nos converter em seres sufrientes, empobrecidos, expulsos e abandonados. Condenam-nos a nos converter em seres solitários que perderam o espírito e deixaram de reconhecer quem somos, o que sentimos, o que queremos. Sem mundo somos tragados pela tristeza e pela ansiedade, estamos extraviados.

Vimos de uma terra envenenada pelo pecado da cobiça que enaltece o dinheiro, o mais miserável do miserável. Com sua toxina, o monstro corta na raiz o que espera florescer, a vida porvir, o alimento de que precisamos, a beleza que nos aquece; com seu veneno espalha a enfermidade e a morte. Vimos de viver e resistir esse elemento hostil que minguava nossa possibilidade de uma vida plena.

O mercúrio, o ódio, o cianeto, a tração e a ambição violaram o corpo da Mãe Terra, da comunidade e das pessoas para necrosar tudo. O veneno queimou nossos montes e, com seus treze metais tóxicos, adoeceu nossos corpos e nos provocou sofrimento extremo. Às vezes, o veneno nos paralisa,

cria desconfiança, corrói nossa integridade, às vezes nos mata. E apesar de tudo, estamos aqui.

Vimos de comunidades vítimas da mais brutal repressão, cheias de cicatrizes que não podem ser curadas; ameaçadas, desalojadas e condenadas ao silêncio cúmplice do criminoso; de povos obrigados a migrar pelas rodovias da morte. Vimos de organizações divididas pela discórdia plantada pelo monstro. Vimos de identidades golpeadas.

Fomos criminalizados e estigmatizados por defender nossos direitos. Fomos perseguidas e deslocadas de nossas comunidades, de nossas tradições, da Mãe Terra; obrigadas ao desalojamento e à angústia. Fomos vítimas e testemunhas do crime de Brumadinho e tantos outros que estão guardados em nossa memória e em nosso coração. Um crime infame que arrebatou nossos entes queridos e nos afundou na dor. Vimos com horror o assassino avançar por nossos territórios destruindo os montes, os rios, os lagos, os desertos e as planícies. Agora o monte está partido, a água baixa matando a erva, a chuva queima como ácido e o deserto chora com lágrimas de palha queimada.

el veneno nos paraliza, crea desconfianza, corroe nuestra integridad, a veces nos mata. Y pese a todo, estamos aquí.

Venimos de comunidades víctimas de la más brutal repressão, llenas de cicatrices que no se pueden curar; amenazadas, desalojadas y condenadas al silencio cómplice del criminal; de pueblos obligados a migrar por las rutas de la muerte. Venimos de organizaciones divididas por la cizaña del monstruo. Venimos de identidades golpeadas.

Hemos sido criminalizados y estigmatizados por defender nuestros derechos. Hemos sido perseguidas y desplazadas de nuestras comunidades, de nuestras tradiciones, de la Madre Tierra; obligadas al desarraigo y a la angustia. Hemos sido víctimas y testigos del crimen de Brumadinho y tantos otros que se guardan en nuestra memoria y nuestro corazón. Un crimen infame que nos arrebató nuestros seres queridos y nos sumió en el dolor. Hemos visto con horror al asesino avanzar por nuestros territorios destruyendo los montes, los ríos, los lagos, los páramos y los llanos. Ahora el cerro está partido, el agua baja matando la hierba, la lluvia queima como ácido y el páramo llora con lágrimas de paja quemada.

Venimos del miedo, espiritualmente rotas, llenas de impotencia, soledad y frustración. No creemos en el Estado, en su sistema de justicia, en la Iglesia y su jerarquía; todos cómplices del monstruo que invade, hieren, mata y queda impune. Somos vigiladas, castigadas, encarceladas, muchas veces expulsados y asesinados.

Venimos de una realidad que amenaza extinguir a muchos hermanos y hermanas animales que comparten el hogar terrestre con nosotros, y que con nosotras están siendo violentados. El hogar que nos contiene, nos da refugio y nos alimenta está en riesgo; sus fuentes de agua y sus tierras cultivables están envenenadas.

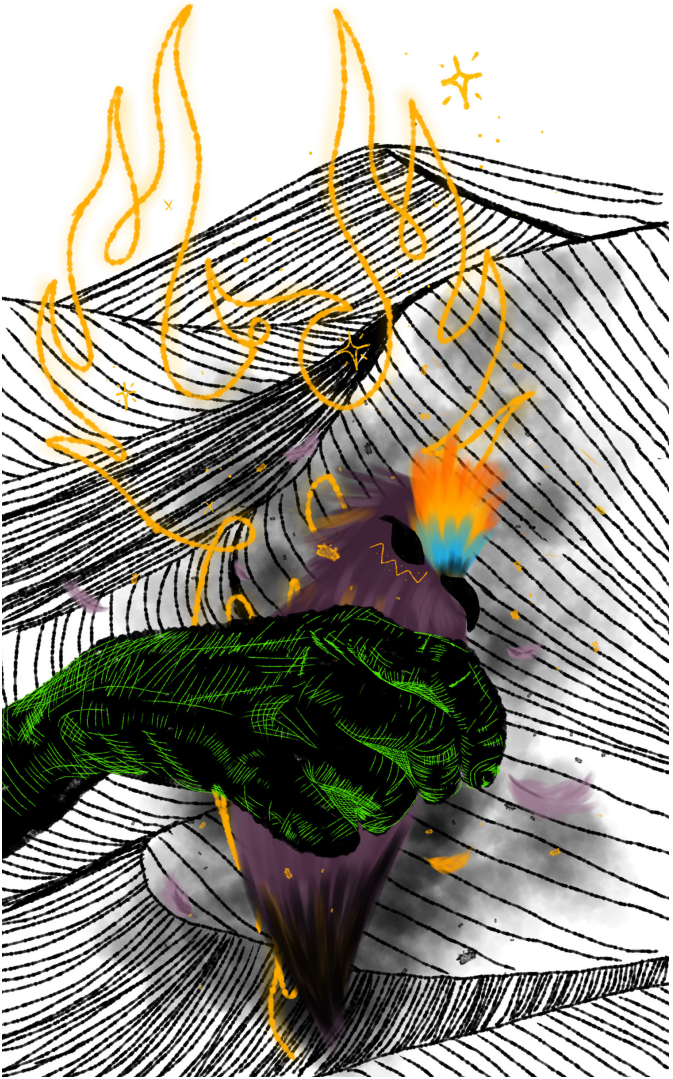
La Madre Tierra, nuestro útero, pierde solidez y el porvenir se vuelve incierto, nos quedamos sin pasado y sin futuro, viviendo el insostenible presente del crimen. El daño a nuestra Madre nos deja sin hermanos cósmicos, sin mundo, sin porvenir, y sin porvenir no hay más allá y el monstruo termina tragándose la esperanza. El peligro de muerte se posa en nuestros cuerpos sin hogar, lanzados al desierto sin luna de los seres asesinados. Vemos sufrir a nuestra Madre Tierra que languidece, pierde sus espíritus y agoniza. Sin ella estamos próximos a dar nuestro último aliento.

Vemos do medo, espiritualmente quebradas, cheias de impotência, solidão e frustração. Não acreditamos no Estado, no seu sistema de justiça, na Igreja e sua hierarquia; todos cúmplices do monstro que invade, fere, mata e fica impune. Somos vigiadas, castigadas, encarceradas, muitas vezes expulsos e assassinados.

Vemos de uma realidade que ameaça extinguir a muitos irmãos e irmãs animais que compartilham conosco o lar terrestre, e que conosco estão sendo violentados. O lar de que somos parte, que nos dá refúgio e nos alimenta está em risco; suas fontes de água e suas terras cultiváveis estão envenenadas.

A Mãe Terra, nosso útero, perde força e o porvir se faz incerto, ficamos sem passado e sem futuro, vivendo o insustentável presente do crime. O dano a nossa Mãe nos deixa sem irmãos cósmicos, sem mundo, sem porvir, e sem porvir não há além e o monstruo termina tragando a esperança. O perigo de morte poussa em nossos corpos sem lar, jogados ao deserto sem lua dos seres assassinados. Vemos sofrer a nossa Mãe Terra que esmorece, perde seus espíritus e agoniza. Sem ela estamos próximos a dar nosso último suspiro.





Vimos de organizações sociais falidas, de comunidades muitas vezes divididas, de irmãos e irmãs cooptados pelos interesses mineiros que ficam sem comunidade e sem lar. Quando o monstro quebra a comunidade ficamos abandonados, a Mãe Terra se re retrai e a solidão cósmica se faz presente como uma fatalidade. O demônio expande sua presença corruptora por toda a Casa Común, perdemos o lar onde nos sentimos juntas e seguras. O futuro se transforma em um resto de escuridão e silêncio.

As empresas chegaram para impor costumes de culturas estranhas e quando protestamos nos silenciam com chantagens e ameaças, nos criminalizam, desprestigiam, perseguem e assassinam. Passamos a ser estigmatizados e acusados de terroristas, narcotraficantes, de estar contra o progresso, de gerar conflitos desnecessários.

O demônio mineiro promove o ódio contra a resistência, com seu veneno nos infecta de desconfianças, receios, dúvidas, medos, acusações que adoecem nossas comunidades, nossos campos, nossos ancestrais. Não só envenena o lar natural, também perverte nos-

Venimos de organizaciones sociales quebradas, de comunidades muchas veces divididas, de hermanos y hermanas cooptadas por los intereses mineros que se quedan sin comunidad y sin hogar. Cuando el monstruo rompe la comunidad nos quedamos abandonados, la Madre Tierra se retrotrae y la soledad cósmica se hace presente como una fatalidad. El demonio expande su presencia corruptora por toda la casa común, perdemos el hogar donde nos sentimos juntas y seguras. El futuro se convierte en un resto de oscuridad y silencio.

Las empresas llegaron para imponer costumbres de culturas extrañas y cuando protestamos nos silencian con chantajes y amenazas, nos criminalizan, desprestigian, persiguen y asesinan. Venimos de ser estigmatizados y acusados de terroristas, narcotraficantes, de estar en contra del progreso, de generar conflictos innecesarios.

El demonio minero promueve el odio contra la resistencia, con su ponzoña nos infecta de desconfianzas, recelos, dudas, miedos, acusaciones que enferman nuestras comunidades, nuestros campos, nuestros ancestros. No solo envenena el hogar natural, también pervierte nues-

tra vida social y cultural con su ambición mercantil, también contamina nuestras relaciones comunitarias con su progreso embustero, también soborna y corrompe con su dinero manchado de la sangre de nuestros mártires.

Venimos rotas, han desgarrado nuestro espíritu desde el tiempo de nuestros ancestros. Los primeros colonizadores llegaron al Abya Yala en búsqueda de oro y plata, empezó así esta larga historia de saqueo. Nos dejaron huérfanas de espíritu y nos obligaron a olvidar nuestros orígenes cósmicos, nos hundieron en la confusión y el agotamiento para debilitar nuestra resistencia, que es una dura lucha espiritual y cultural.

A veces sentimos que perdemos el vínculo con la comunidad, la naturaleza y el cosmos, entonces, estamos espiritualmente desgarradas. Sin comunidad nuestra existencia se desmorona, la soledad nos traga y todo desaparece en la condena a la orfandad cósmica. Nosotros los runas y nosotras las warmis somos hijos e hijas de la Madre Tierra, en ese vínculo existimos, ese vínculo nos ancla a nuestros territorios donde somos completamente. Sin ella no somos, sin ella es el fin sin comienzo nuevo.

sa vida social e cultural com sua ambição mercantil, também contamina nossas relações comunitárias com seu progresso mentiroso, também soborna e corrompe com seu dinheiro manchado com o sangue de nossos mártires.

Vimos quebradas, atormentaram nosso espírito desde o tempo de nossos ancestrais. Os primeiros colonizadores chegaram a Abya Yala em busca de ouro e prata, começou assim esta longa história de saqueio. Deixaram-nos órfãs de espírito e nos obrigaram a esquecer nossas origens cósmicas, nos afundaram na confusão e na exaustão para debilitar nossa resistência, que é uma dura luta espiritual e cultural.

Às vezes sentimos que perdemos o vínculo com a comunidade, a natureza e o cosmos, estamos espiritualmente desgarradas. Sem comunidade, nossa existência se desmorona, a solidão nos traga e tudo desaparece na condenação à orfandade cósmica. Nós, os runa, e nós, as warmis somos filhos e filhas da Mãe Terra, nesse vínculo existimos, esse vínculo nos ancora aos nossos territórios onde somos completamente. Sem ela, não somos, sem ela é o fim sem começo novo.

Vimos contaminados de discursos e promessas falsas da hidra colonial, capitalista e patriarcal; de uma igreja hierárquica que se esqueceu da palavra e da vida de Jesus. Igreja que nos tirou o território, nos agrediu, roubou nossa riqueza cultural, como hoje o demônio mineiro o faz em nome dessa mesma Igreja.

A Igreja cúmplice fechou suas portas para a comunidade que resiste, porque ela mesma deixou de ser uma comunidade e se converteu em uma porta enorme sempre fechada e afastada de nós, as crentes, os empobrecidos, as sofredoras. Vimos de uma Igreja que deu as costas à sagrada Mãe Terra e se esqueceu do amor de Jesus a sua mãe. De uma Igreja que deixou de ser o povo de Deus para a salvação e se transformou no mercader da salvação e cúmplice das empresas mineiras e seu projeto de morte.

Vimos da ira e da tristeza e ver o monte assassinado, o rio envenenado, a Mãe Terra ultrajada, nossa Casa Común destruída. Vimos da dor das feridas que a espada e a cruz gravaram em nossos corpos e em nossos espíritos. Vimos com o coração desolado de tanta violência; roubaram-nos a água para beber, para nos

Venimos contaminados de discursos y promesas falsas de la hidra colonial, capitalista y patriarcal; de una iglesia jerárquica que se ha olvidado de la palabra y la vida de Jesús. Iglesia que nos quitó el territorio, nos agredió, robó nuestra riqueza cultural, como hoy el demonio minero lo hace a nombre de esa misma Iglesia.

La Iglesia cómplice ha cerrado sus puertas a la comunidad que resiste, porque ella misma ha dejado de ser una comunidad y se ha convertido en una enorme puerta siempre cerrada y alejada de nosotros, las creyentes, los empobrecidos, las sufrientes. Venimos de una Iglesia que ha dado las espaldas a la sagrada Madre Tierra y ha olvidado el amor de Jesús a su madre. De una Iglesia que dejó de ser el pueblo de Dios para la salvación y se transformó en mercader de la salvación y cómplice de las empresas mineras y su proyecto de muerte.

Venimos de la ira y la tristeza de ver el cerro asesinado, el río envenenado, la Madre Tierra ultrajada, nuestra Casa Común destruida. Venimos del dolor de las heridas que la espada y la cruz grabaron en nuestros cuerpos y nuestros espíritus. Venimos con el corazón desolado de tanta violencia; nos han robado el

agua para beber, para lavarnos, para calmar la sed de nuestros abuelos, para tener dignidad.

El monstruo no sabe que todas las aguas tienen corazón, tienen memoria y tienen voz. Tienen memoria porque cuando han sido encausadas, con violencia y obligadas a otro camino, buscan recuperar su cauce y regresan. Tienen corazón porque sienten, son un gran vientre materno que alberga muchos otros seres espirituales; por eso nosotros, los Mapuche, antes de entrar a un río, al mar, antes de tomar el agua pedimos permiso, rezamos a las aguas con quienes estamos profundamente vinculados.

Venimos de un conflicto que nos lastima porque hemos decidido resistir, exigir que paren este crimen en contra de la vida, que detengan el proyecto de muerte que amenaza nuestra existencia como pueblos indígenas, y la biodiversidad de la cual somos parte. Es doloroso hablar sobre nuestros territorios, nuestros hijos e hijas, nuestros hermanos y hermanas.

Al monstruo y sus cómplices no les importa nada, avasallan sin piedad. Creen ellos que nos traen beneficios, que nos traen trabajo, pero no; roban nuestra esencia, nuestra espiritualidad porque son pobres de espíritu, porque no

banharnos, para acalmar a sede de nossos avôs, para ter dignidade.

O monstro não sabe que todas as águas têm coração, têm memória e têm voz. Têm memória porque quando foram processadas, com violência e obrigadas a outro caminho, procuram recuperar seu leito e regressam. Têm coração porque sentem, são um grande ventre materno que abriga muitos seres espirituais; por isso nós, os Mapuche, antes de entrar em um rio, no mar, antes de tomar a água pedimos permissão, rezamos as águas com quem estamos profundamente vinculados.

Vimos de um conflito que nos machuca porque decidimos resistir, exigir que parem este crime contra a vida, que detenham o projeto de morte que ameaça nossa existência como povos indígenas, e a biodiversidade da qual fazemos parte. É doloroso falar sobre nossos territórios, nossos filhos e filhas, nossos irmãos e irmãs.

Ao monstro e seus cúmplices não lhes importava nada, avasalam sem piedade. Eles acreditam que nos trazem benefícios, que nos trazem trabalho, mas não; roubam nossa essência, nossa espiritualidade, porque são

pobres de espírito, porque não podem aceitar que tudo na Mãe Terra é sagrado, tudo, incluída a pedra e o minério que ambicionam.

Este projeto de morte não encaixa em nosso povo, porque nosso modo de vida como povos originários é integral, é harmônico, é um todo, é complementaridade. O monstro gira e gira em torno do dinheiro, ao seu projeto cinza de edifícios e estradas que atravessam e rompem a harmonia, a unidade e a convivência.

Vimos de anos de exploração mineira que foi impactando na pele da terra, da água, do ar, da comunidade, em nossa própria pele. Ao princípio não o víamos, mas, com a passagem do tempo, foram aparecendo as feridas, a dor, a angústia. A mineradora entrou com a desculpa de reparar a estrada e a escola e assim conquistar o desejo da comunidade; mas chegou com sua maquinaria de morte e começou a cavar imensas brechas na Mãe Terra para roubar seus metais preciosos.

O monstro sempre engana com suas falsas promessas de desenvolvimento e prosperidade, a única coisa que traz é enfermidade, desnutrição, desmatamento e morte. No fim, nosso território ancestral foi invadido e foi imposta a

pueden aceptar que todo en la Madre Tierra es sagrado, todo, incluida la piedra y el mineral que ambicionan.

Este proyecto de muerte no encaja en nuestro pueblo, porque nuestro modo de vida como pueblos originarios es integral, es armónico, es un todo, es complementariedad. El monstruo gira y gira en torno al dinero, a su proyecto gris de edificios y carreteras que atraviesan y rompen la armonía, la unidad y la convivencia.

Venimos de años de explotación minera que fue impactando en la piel de la tierra, del agua, del aire, de la comunidad, en nuestra propia piel. Al principio no lo veíamos, pero con el transcurso del tiempo fueron apareciendo las heridas, el dolor y la angustia. La minera entró con la excusa de reparar la carretera y la escuela y así ganarse la voluntad de la comunidad; pero llegó con su maquinaria de muerte y empezó a cavar inmensas grietas en la Madre Tierra para robar sus metales preciosos.

El monstruo siempre engaña con sus falsas promesas de desarrollo y prosperidad, lo único que trae es enfermedad, desnutrición, deforestación y muerte. Al final, nuestro territorio ancestral fue invadido y se impuso la apertura de la mina entre dos

cerros sagrados, el Tanjuran y El Gigante; no hay nada que detenga la voracidad del demonio minero por el oro, en su nombre se mata la vida, la esperanza y el futuro.

Venimos de territorios asolados por el narcotráfico y el crimen organizado que trabajan para el monstruo y juntos crean caos y guerra; persiguen, reprimen y amenazan a las comunidades que resistimos y nos convierten en sus víctimas. Los socios del mal compran y corrompen gobiernos y Estados y así obtienen permisos ambientales.

Venimos de una violencia enfocada principalmente hacia las mujeres no solo porque tenemos que cuidar de nosotras mismas de los abusos masculinos que enfrentamos, sino porque tenemos que cuidar a la comunidad de los enormes impactos de la extracción. El costo de la resistencia ha sido muy duro, porque hay personas asesinadas, heridas, criminalizadas, judicializadas hasta el día de hoy.

Venimos de ser abandonadas por los pastores que ya no optan por los pobres. Somos víctimas del despojo, del engaño, de los que nos han traído los maltratos, la desgracia, la preocupación y la contaminación que nos enferma. Pero también venimos de la Iglesia

abertura da mina entre dois montes sagrados, o Tanjuran e O Gigante; não há nada que detenha a voracidade do demônio mineiro pelo ouro, em seu nome se mata a vida, a esperança e o futuro.

Vimos de territórios devastados pelo narcotráfico e o crime organizado que trabalham para o monstro e juntos criam caos e guerra; perseguem, reprimem e ameaçam às comunidades que resistimos e nos convertem em suas vítimas. Os sócios do mal compram e corrompem governos e Estados e assim obtêm permissões ambientais.

Vimos de uma violência focada principalmente nas mulheres não só porque temos que cuidar de nós mesmas, dos abusos masculinos que enfrentamos, mas porque temos que cuidar da comunidade dos enormes impactos da extração. O custo da resistência foi muito duro, porque há pessoas assassinadas, feridas, criminalizadas, judicializadas até o dia de hoje.

Fomos abandonadas pelos pastores que já não optam pelos pobres. Somos vítimas do roubo, do engano, dos que nos trouxeram os abusos, a desgracia, a preocupação e a contaminação que nos adoecce. Mas também vimos da Igreja comprometida

com o amor de Jesus e sua profunda vocação por justiça.

E apesar de toda esta dor infinita, aqui estamos acompanhadas de todos os nossos antepassados, os que semearam esta resistência no coração dos povos originários e nos entregaram a missão de continuá-la.

comprometida con el amor de Jesús y su profunda vocación de justicia.

Y a pesar de todo este dolor infinito, aquí estamos acompañadas de todos nuestros antepasados, los que sembraron esta resistencia en el corazón de los pueblos originarios y nos entregaron la misión de continuarla.



¿QUÉ TRAEMOS?

O que trazemos?



Traigo, mi lucha, mi dolor y mi corazón, traigo las navajas que me cortan, mis heridas que sangran. Traigo mi territorio sacrificado y ensangrentado. Traemos la desgracia, la tragedia, el crimen que nos han hecho, al río que está muerto y que nos atormenta los días y las noches. Yo traigo ese crimen.

Ofrendamos ante este altar todos nuestros sentimientos de dolor que el asesino invasor causa en nuestras comunidades. Traemos las laceraciones en la Madre Tierra, su sangre derramada, sus ríos y cerros asesinados. Las ofrendas que traemos nos encogen el corazón y nos traen a la memoria el daño que las empresas mineras han ocasionado, no en la naturaleza sin alma como ellos creen, sino en la Madre Tierra dadora de la vida de todos los seres sacrificados por el monstruo.

Traemos el testimonio de la profanación a la gran Madre, perpetrado por el demonio minero, que mercantiliza nuestros territorios sagrados, queriendo con ello borrar todo vestigio del espíritu cósmico. El crimen que traemos consiste en los millones de grietas que sangran en el cuerpo de la Madre Tierra. El criminal ha ultrajado lo más sagrado que en nuestra madre palpita, su latido cósmico.

Traigo minha luta, minha dor e meu coração, trago as navalhas que me cortam, minhas feridas que sangram. Trago meu território sacrificado e ensanguentado. Trazemos a desgracia, a tragédia, o crime que nos fizeram ao rio que está morto e que nos atormenta dia e noite. Eu trago esse crime.

Oferecemos frente a este altar todos os nossos sentimentos de dor que o assassino invasor causa em nossas comunidades. Trazemos as lacerações na Mãe Terra, seu sangue derramado, seus rios e montes assassinados. As oferendas que trazemos apertam nosso coração e nos trazem à memória o dano que as empresas mineradoras ocasionaram, não na natureza sem alma como eles crescem, senão na Mãe Terra doadora da vida de todos os seres sacrificados pelo monstro.

Trazemos o testemunho da profanação à grande Mãe, perpetrado pelo demônio mineiro, que mercantiliza nossos territórios sagrados, querendo com isso apagar todo o vestígio do espírito cósmico. O crime que trazemos consiste nos milhões de brechas que sangram no corpo da Mãe Terra. O criminoso ultrajou o mais sagrado que em nossa mãe palpita sua batida cósmica.



Trago a dor das comunidades que foram deslocadas. Trago as crianças wuayus, os mais de 5000 que morreram tossindo pó preto, tão preto como o coração do monstro, morreram pela contaminação da mina de carvão que devorou seus jovens corpinhos. Trago as enfermidades pulmonares e a contaminação dos olhos de água que matou a sede do nosso povo e deixou estéril a nossa terra. Eu trago este crime.

Trazemos todos os nossos irmãos cósmicos, filhos da mesma Mãe, não menos importantes que nós, feridos como nós, sagrados como todos os filhos e filhas da Terra. Trazemos as crianças sagradas e sacrificadas que morreram por causa da contaminação do ar, da água, da terra, que respiraram cianeto e comeram mercúrio até falecer sem saber o porquê. O que o demônio mineiro sacrificou por sua ambição é a vida fecundada pela grande Mãe em todas as suas formas, e o sopro cósmico que nela bate.

Em cada criança sacrificada, um pedacinho de cosmos morre, um pouquinho de memória se esvai ao vazio e o legado de todos nossos ancestrais se coloca em grave perigo e com ele a sobrevivência de nossos

Traigo el dolor de las comunidades que han sido desplazadas. Traigo a los niños wuayus, los más de 5000 que murieron tosiendo polvo negro, tan negro como el corazón del monstruo, murieron por la contaminación de la mina de carbón que devoró sus cuerpecitos tiernos. Traigo las enfermedades pulmonares y la contaminación de los ojos de agua que ha matado de sed a nuestro pueblo y ha dejado estéril a nuestra tierra. Yo traigo este crimen.

Traemos a todos nuestros hermanos cósmicos, hijos de la misma Madre, no menos importantes que nosotros, heridos como nosotros y nosotras, sagrados como todos los hijos e hijas de la Tierra. Traemos los niños sagrados y sacrificados que han muerto por causa de la contaminación del aire, del agua, de la tierra, que han respirado cianuro y ha comido mercurio hasta fallecer sin saber por qué. Lo que el demonio minero ha sacrificado por su ambición es la vida fecundada por la gran Madre en todas sus formas, y el aliento cósmico que en ella late.

En cada niño y niña sacrificada un pedacito de cosmos muere, un poquito de memoria se va al vacío y el legado de todos nuestros ancestros se pone en grave peligro y con ello la



supervivencia de nuestros pueblos y nuestras culturas. El crimen contra nuestros niños y niñas, por la codicia del metal, es la ofensa más perversa que el monstruo comete en contra de lo divino.

Cuerpos somos nosotras y nosotros y nos traemos afectados por la violencia del demonio minero, golpeados y humillados por su socio colonizador. Tierra somos nosotros y nosotras y nos traemos contaminadas, envenenadas y desérticas.

Nosotros los Mapuche traemos la voz de los ríos que dicen de la enfermedad que aqueja a la Madre Tierra. El agua envenenada hace languidecer las cascadas, las lluvias, los ríos, la sangre; y nuestro espíritu masculino y femenino, que rigen todo el universo, se vuelve frágil y agoniza. Todas las aguas tienen un espíritu con distintas formas, igual que los animales espirituales. Todas las aguas son medicina, las tomamos para sentirnos bien o nos bañamos en ellas para sentirnos mejor y ahora la agüita no baja cristalina, no tiene sabor a vida, no calma la sed nuestra ni la de la tierra.

Traemos a este altar los nombres de las mujeres mártires de la lucha por el agua. A las hermanas, a la que terminó flotando en la laguna y la que

povos e nossas culturas. O crime contra nossas crianças, pela cobiça do metal, é a ofensa mais perversa que o monstro comete contra o divino.

Nós somos corpos e somos afetados pela violência do demônio mineiro, golpeados e humilhados por seu sócio colonizador. Nós somos Terra e estamos contaminadas, envenenadas e desérticas.

Nós os Mapuche trazemos a voz dos rios que dizem da enfermidade que afeta a Mãe Terra. A água envenenada faz definharem as cascatas, as chuvas, os rios, o sangue; e nosso espírito masculino e feminino, que regem todo o universo, se torna frágil e agoniza. Todas as águas têm um espírito com distintas formas, tal como os animais espirituais. Todas as águas são medicina, nós as tomamos para nos sentir bem ou nos banhamos nelas para nos sentir melhor e agora a aguinha não chega cristalina, não tem sabor de vida, não acalma a nossa sede nem a da terra.

Trazemos a este altar os nomes das mulheres mártires da luta pela água. Às irmãs, a que terminou flutuando na lagoa e a que anos depois apareceu “suicidada”. Junto a elas trazemos os territórios martirizados, os rios mártires, as

comunidades mártires...

Trazemos esta mensagem: não ponham em perigo os seus filhos, não permitam que o demônio mineiro se assente em seus rios que dão vida às comunidades. Não permitam este despropósito descomunal e irracional que ameaça os nossos povos; não permitam que avancem os megaprojetos da morte. Não permitam que as mentiras do demônio mineiro desarticulem toda nossa vida, o sentido, a conexão com Deus e com a nossa mãe; nossa Deusa Mãe.

O monsenhor Álvaro Ramazzini tinha razão, que foi ameaçado de morte por seu apoio aos pobres e sua oposição à mineração. Quando era Bispo da Diocese de San Marcos dizia, no seu momento de conscientização, que uma empresa de mineração não é boa para o nosso povo, é, no máximo, pão para hoje e fome para amanhã.

A empresa levará para si o frango e nos deixará as penas. A exploração ao ventre da Mãe danifica a semeadura e a colheita, então, o alimento e a desnutrição se apoderam das crianças. A presença do demônio mineiro cria conflito, desintegra as famílias, as mães são abandonadas, as filhas são abandonadas pelo

años después apareció “suicidada”. Junto a ellas traemos los territorios martirizados, los ríos mártires, las comunidades mártires...

Traemos este mensaje: No pongan en peligro a sus hijos, no permitan que el demonio minero se asiente en sus ríos que dan vida a las comunidades. No permitan este despropósito descomunal e irracional que amenaza a nuestros pueblos; no permitan que avancen los megaproyectos de la muerte. No permitan que las mentiras del demonio minero desarticulen toda nuestra vida, el sentido, la conexión con Dios y nuestra madre; nuestra Diosa Madre.

Razón tenía monseñor Álvaro Ramazzini, quien fue amenazado de muerte por su apoyo a los pobres y su oposición a la minería. Cuando era Obispo de la diócesis de San Marcos decía, en su momento de conscientización, que una empresa minera no es buena para nuestro pueblo, es a lo mucho, pan para hoy y hambre para mañana.

La empresa se llevará el pollo y nos dejará las plumas. La explotación al vientre de la Madre daña la siembra y la cosecha, entonces, el alimento y la desnutrición se apodera de los niños y las niñas. La presencia del demonio minero crea conflicto, desintegra las familias,

las madres son abandonadas, las hijas son abandonadas por el dinero. El hombre se sintió con más orgullo y abandonó a su familia y a su comunidad por la fiebre del dinero que ganó. El divorcio se volvió común. Este desastre nos dejó el paso de la minera por nuestros territorios. La mina cerró y su estela de muerte no termina de irse. Ahora la tierra no da, ya no hay trabajo y los seres de maíz deambulan como fantasmas entre las sombras de lo que fue un parar hoy es un desierto.

Traemos las mentiras de demonio minero que nos decía que después de trabajar para él íbamos a ser ricos, pero ahora vemos que no es así, hay mucha más pobreza, hay hambre, hay enfermedades, hay VIH. La empresa dice que eso no es su responsabilidad, pero todo esto llegó por ellos. La mina dijo que era la Iglesia la que debía ayudar para que la gente viviera bien. Pero, las cantinas crecieron, mucha gente vino de otros pueblos, de otros departamentos, de otros países y ahí se generó toda esta degradación. El salario que recibía la gente se fue para las cantinas, porque jamás habían tenido salario.

Traemos a la mujer, la mayor víctima de la minería, es ella quien recibe todas las violencias, es ella la que afronta

dinheiro. O homem se sentiu com mais orgulho e abandonou sua família e sua comunidade pela febre do dinheiro que ganhou. O divórcio se tornou comum. Este desastre deixou as marcas da mineração em nossos territórios. A mina foi fechada e seu rastro de morte não vai embora. Agora, a terra não dá, já não há trabalho e os seres de milho perambulam como fantasmas entre as sombras do que foi um morro hoje é um deserto.

Trazemos as mentiras do demônio mineiro que nos dizia que depois de trabalhar para ele seríamos ricos, mas agora vemos que não é assim, há muita pobreza, há fome, há doenças, há HIV. A empresa diz que isso não é sua responsabilidade, mas tudo isso chegou por eles. A mina disse que era a igreja que devia ajudar para que o povo vivesse bem. Mas os bares cresceram, muita gente veio de outras cidades, de outros Estados, de outros países e então se gerou toda essa degradação. O salário que as pessoas recebiam foi para os bares, porque nunca havíamos tido salário.

Trazemos a mulher, a maior vítima da mineração, é ela quem recebe todas as violências, é ela que afronta todo o dano

para poder ajudar os seus filhos, para alimentá-los, para educá-los. O demônio mineiro procura por todos os meios destruir a conexão com a Mãe Terra, com seus espíritos que nos amamentam.

Pedimos tanto que a mina se fosse e no fim ela se foi, nos deixando todas as tragédias da sua presença. Perdemos a confiança na comunidade, há uma grande desintegração familiar. O dinheiro trouxe alcoolismo, vício e prostituição. Quando a mina vai embora, depois de haver destruído a economia campesina, ficamos sem trabalho e os jovens são obrigados a migrar. Não pudemos ver toda a maldade que o demônio mineiro traz, apenas após ter ido embora e ter nos deixado em meio a um desastre.

Trazemos as mentiras do ecologismo dos ricos que se cansaram de la contaminación del petróleo e agora vêm pelo lítio para alimentar seu falso desenvolvimento verde. Trazemos aquí e denunciemos estas mentiras que estão destruyendo nuestros territorios e nuestra vida. Denunciamos los privilegios de unos pocos que han destruido nuestro hogar y nos han condenado al sufrimiento. No creemos en una transición energética que acreditemos em uma transição energética que

todo el daño para poder ayudar a sus hijos, para alimentarlos, para educarlos. El demonio minero busca por todos los medios romper la conexión con la Madre Tierra, con sus espíritus que nos amamentan.

Pedimos tanto que la mina se vaya y al final se fue, dejándonos todas las tragedias de su presencia. Hemos perdido la confianza en la comunidad, hay una gran desintegración familiar. El dinero trajo alcoholismo, drogadicción y prostitución. Cuando la mina se va, después de haber destruido la economía campesina, nos quedamos sin trabajo y los jóvenes son obligados a migrar. No pudimos ver toda la maldad que trae el demonio minero, sino hasta que se fue y nos dejó en medio de un desastre.

Traemos las mentiras del ecologismo de los ricos que se cansaron de la contaminación del petróleo y ahora, vienen por el litio para alimentar su falso desarrollo verde. Traemos aquí y denunciemos estas mentiras que están jodiendo nuestros territorios y nuestra vida. Denunciamos los privilegios de unos pocos que han destruido nuestro hogar y nos han condenado al sufrimiento. No creemos en una transición energética que profundice las heridas en nuestros territorios y en nuestros

cuerpos, que nos sacrifique y nos martirice aún más.

Traigo el libro sagrado de la cultura maya, el Popol Vuh. “Que todos se levanten, que nadie se quede atrás, que no seamos uno ni dos de nosotros, sino todos”. Elegir el bien o el mal, la luz o la oscuridad.

Este libro sagrado que ofrecemos es lo más valioso que tenemos como pueblo Maya: la palabra que nos une al cosmos, a la creación divina, a la obra salida de las manos de Dios. El libro sagrado de nuestro pueblo nos cuenta cómo es el cuerpo divino del cosmos, de la gran Madre y del mundo humano; nos cuenta que nuestra existencia no es un recurso, no es un caos, no es un objeto ni una cosa, es un orden armónico que debemos cuidar.

El libro sagrado de nuestro pueblo convoca a todos los hijos de la Madre, seres sagrados, seres de maíz, a la resistencia; nos convoca a elegir defender a nuestra Madre Tierra como el único camino posible que nos devuelve al origen divino.

Traigo un agradecimiento a mi abuelo que ha hecho la resistencia, que ha mantenido a su pueblo unido, agradezco a mi padre y madre que me han dicho que siga esta lucha. Traigo energías positivas de nuestros ancestros, seguimos conectados con la naturaleza y el agua.

aprofunde as feridas em nossos territórios e em nossos corpos, que nos sacrifique e nos martirize ainda mais.

Trago o livro sagrado da cultura maia, o Popol Vuh. “Que todos se levanten, que ninguém fique para trás, que não sejamos um nem dois, senão todos”. Escolher o bem ou o mal, a luz ou a escuridão.

Este livro sagrado que oferecemos é o mais valioso que temos como povo Maia: a palavra que nos une ao cosmos, à criação divina, à obra saída das mãos de Deus. O livro sagrado do nosso povo nos conta como é o corpo divino do cosmos, da grande Mãe e do mundo humano; também nos conta que nossa existência não é um recurso, não é um caos, não é um objeto nem uma coisa, é uma ordem harmônica da qual devemos cuidar.

O livro sagrado do nosso povo convoca a todos os filhos da Mãe, seres sagrados, seres de milho, à resistência; convoca-nos a escolher defender a nossa Mãe Terra como o único caminho possível que nos devolve a origem divina.

Traigo um agradecimento ao meu avô que fez a resistência, que manteve seu povo unido, agradeço ao meu pai e mãe que me disseram que siga esta luta. Tra-

go energias positivas de nossos ancestrais, seguimos conectados com a natureza e a água.

Trazemos a certeza que a Mãe Terra é a fonte da vida para todas as suas criaturas, que sua existência é nossa existência, que sua saúde é nossa saúde, que seu bem-estar é nosso bem-estar. Trazemos a certeza de que sem a Mãe não é possível nossa cultura, nossos saberes, nossa comunidade, que sem ela nossos ancestrais nos esquecem.

Trago minha história que está em meu ser negro que é água e bosque. Trago a emoção de nossos ancestrais, a presença dos anciãos e das anciãs que nos motivam. Trago a voz de Hermelinda, do Seu Patricio, Seu Isidro, Dona Hortensia, que são enroladinhos que nos dão a força para seguir defendendo nosso território contra os governos, as empresas e sindicatos.

Trazemos os nossos ancestrais primordiais abraçadinhos no profundo do nosso ser e do nosso coração, lá nos protegemos para que não os saqueiem, não os colonizem, não os assassinem. Aqui, neste altar da resistência oferecemos aos nossos ancestrais, entregamos nosso maior bem, porque sabemos que aqui nesta comunidade da resistência serão cuidados. Neles, em nossos ances-

Traemos la certeza que la Madre Tierra es la fuente de la vida para todas sus criaturas, que su existencia es nuestra existencia, que su salud es nuestra salud, que su bienestar es nuestro bienestar. Traemos la certeza que sin la Madre no es posible nuestra cultura, nuestros saberes, nuestra comunidad, que sin ella nuestros ancestros nos olvidan.

Trago mi historia que se encuentra en mi ser negro que es agua y bosque. Trago la emoción de nuestros ancestros, la presencia de los y las ancianas que nos motivan. Trago la voz de Hermelinda, Don Patricio, Don Isidro, Doña Hortensia, que son arrolladitos que nos dan la fuerza para seguir defendiendo nuestro territorio en contra de los gobiernos, las empresas y sindicatos.

Traemos a nuestros ancestros primordiales acurrucaditos en lo profundo de nuestro ser y nuestro corazón, allí los protegemos para que no los saqueen, no los colonicen, no los asesinen. Aquí en este altar de la resistencia ofrendamos a nuestros ancestros, entregamos nuestro mayor bien, porque sabemos que aquí en esta comunidad de la resistencia serán cuidados. En ellos, en nuestros ancestros primordiales, reposan todos los

espíritus sagrados de la gran Madre, la más grande sabiduría del buen entendimiento, del buen querer y del buen hacer que procuran armonía en nuestros territorios.

Traigo el amor a la Madre Tierra que nos une a todos. Traigo el agua que recorre por los valles, se adapta, maestra de la primavera, fluye, abriga, aguarda y sigue, alienta caliente, fría, somos nosotros como la hermana agua. Traigo a la Meseta y al Altiplano que es una tierra de vida y de esperanza.

Traemos el vínculo indestructible que los pueblos tenemos con la Madre Tierra, sobre el cual se tejen los vínculos que nos ligan a todos los hermanos y hermanas cósmicas que la habitan. El amor que traemos viene del amor recibido de nuestra Madre, ese amor que nos abraza con su manto espiritual y nos protege de toda enfermedad que dañe nuestra espiritualidad.

Traemos las raíces milenarias de nuestro pueblo, allí donde nace, crece y se alimenta nuestro espíritu de resistencia; allí donde nos encontramos una y otra vez con el gran cosmos.

Traemos la lucha de resistencia, el camino en defensa de la vida. Las historias de resistencia, mucha unidad, articulación y fuerza. Traemos la teología de la liberación, las rondas

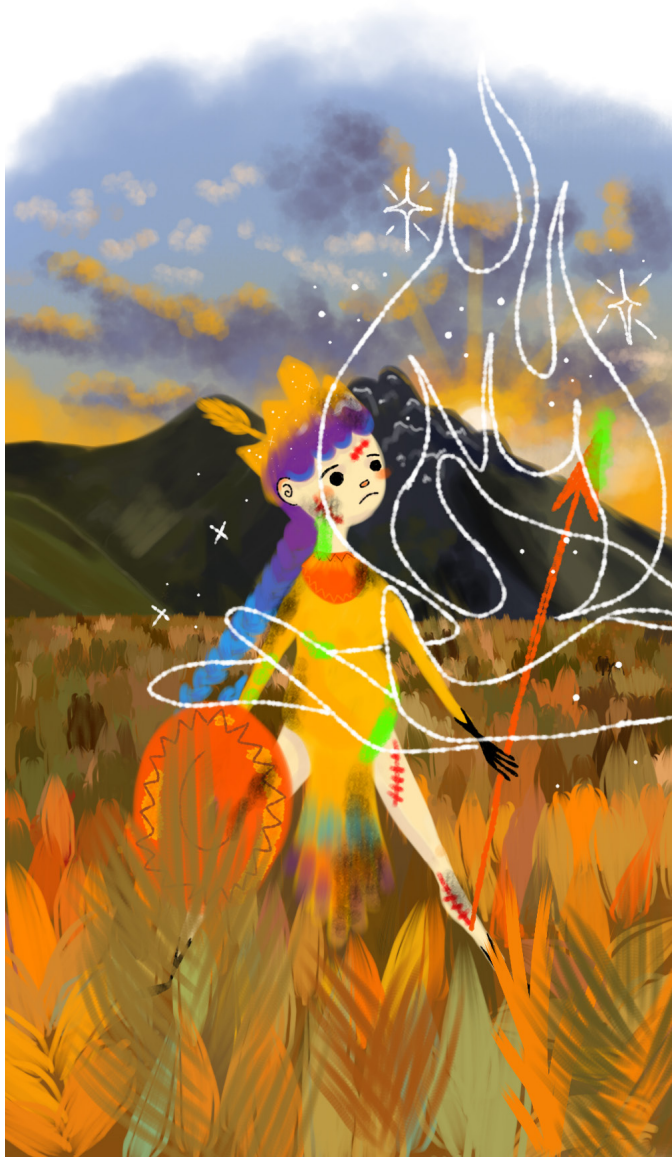
trais primordiais, repousam todos os espíritos sagrados da grande Mãe, a maior sabedoria do bom entendimento, do bom querer e do bom fazer que procuram harmonia em nossos territórios

Traigo o amor à Mãe Terra que nos une a todos. Traigo a água que percorre pelos vales, se adapta, mestra da primavera, flui, abriga, aguarda e segue, aquece calorosa, fria, somos nós como a irmã água. Traigo ao platô e ao planalto que é uma terra de vida e de esperança.

Trazemos o vínculo indestrutível que os povos temos com a Mãe Terra, sobre o qual se tecem os vínculos que nos ligam a todos os irmãos e irmãs cósmicas que a habitam. O amor que trazemos vem do amor recebido de nossa Mãe, esse amor que nos abraça com seu manto espiritual e nos protege de toda enfermidade que dane nossa espiritualidade.

Trazemos as raízes milenares de nosso povo, lá onde nasce, cresce e se alimenta nosso espírito de resistência; lá onde nos encontramos uma e outra vez com o grande cosmos.

Trazemos a luta de resistência, o caminho em defesa da vida. As histórias de resistência, muita unidade, articu-



lação e força. Trazemos a teologia da libertação, as patrulhas camponesas que lutam, a resistência das mulheres que expõem seus corpos, seus filhos e seus maridos à morte. Traço a resistência de Sobrancelha Brigadeiro contra os planos de morte. Trazemos um sentimento de revolta, o grito de luta, uma inspiração ecumênica.

Oferecemos ante este altar da resistência nossa luta centenária pela defesa da Mãe Terra. Estamos aqui com a nossa história milenar como povos originários para estender e segurar as mãos do cristianismo que nos foi imposto, mas que hoje o recebemos em nosso coração como uma de nossas espiritualidades. A partir dessa congregação ecológica pela defesa da Mãe Terra voltamos a nos encontrar.

Trazemos perseverança; a voz da rã-arlequim recuperada da extinção. Trazemos 75 espécies ameaçadas, várias delas em perigo crítico de extinção, incluídas 3 espécies de macacos. Trazemos o Chocó Andino e seu urso-de-óculos, à Amazônia e seu jaguar, a anta andina e o macaco bugio que dizem sim à vida. Trazemos os animais.

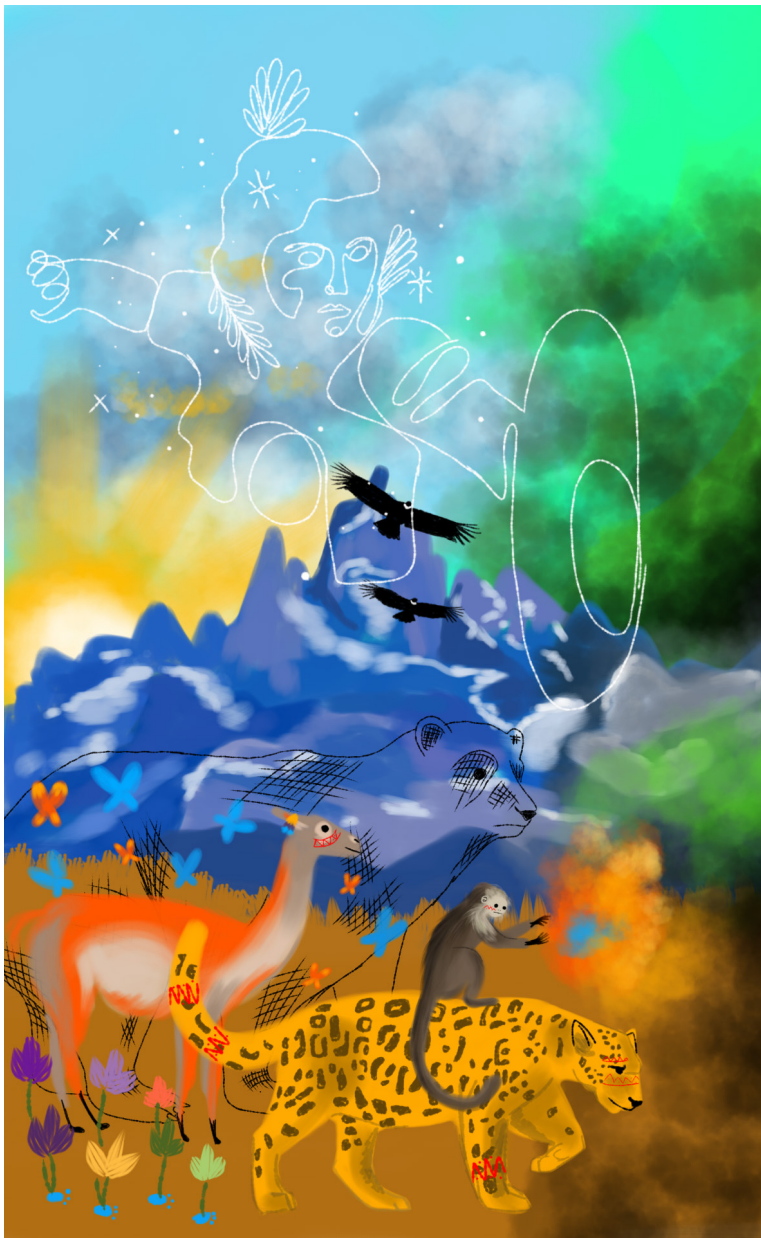
Trazemos a luta incansável pela defesa da Mãe Terra. Apesar do medo e da violência, tra-

camponesas que luchan, la resistencia de las mujeres que exponen sus cuerpos, sus hijos y sus maridos a la muerte. Traigo la resistencia de Sobrancelha-Brigadeiro contra los planes de muerte. Traemos un sentimiento de revuelta, el grito de lucha, una inspiración ecuménica.

Ofrendamos ante este altar de la resistencia nuestra lucha centenaria por la defensa de la Madre Tierra. Estamos aquí con nuestra historia milenaria como pueblos originarios para extender y agarrar las manos del cristianismo que nos fue impuesto, pero que hoy lo recibimos en nuestro corazón como una de nuestras espiritualidades. Desde esa congregación ecológica por la defensa de la Madre Tierra volvemos a encontrarnos.

Traemos perseverancia; la voz de la rana arlequín recuperada de la extinción. Traemos 75 especies amenazadas, varias de ellas en peligro crítico de extinción, incluídas 3 especies de monos. Traemos al Chocó Andino y su oso de anteojos, a la Amazonía y su jaguar, la danta andina y el mono aullador que dicen sí a la vida. Traemos a los animales.

Traemos la lucha incansable por la defensa de la Madre Tierra. Pese al tiempo y la violencia, traemos el amor a lo





zemos o amor ao sagrado que alimenta nosso espírito e enche de sentido e alegria a nossa vida. Oferecemos ante este altar a dor que sentimos pelo sofrimento de nossos irmãos e irmãs não humanos, ameaçados pelo demônio mineiro. Trazemos a certeza de que entre os filhos humanos e não humanos da grande Mãe existe um cordão sagrado, pelo que intercambiamos os espíritos cósmicos de nossos ancestrais primordiais. Somos todos criaturas cósmicas, filhos e filhas da Mãe Terra e por isso símbolos da fertilidade e a da vida.

Trazemos a esperança do verbo esperar, a fé na liberação de nossa mãe. Trazer esperança e fé em meio de uma violência extrema e liberação de nossa mãe. Trazer esperança e fé em meio a uma violência extrema e propagada pelo demônio mineiro. Nossa força provém da sabedoria de nossos ancestrais e das energias da grande Mãe; estamos conectados com a memória cósmica que nos indica o caminho que vai restabelecer a harmonia. Superamos a memória curta da colonização e da mercantilização dessacralizadora. Traço meu coração quebrado e meu espírito forte.

sagrado que alimenta nuestro espíritu y llena de sentido y alegría nuestra vida. Ofrendamos ante este altar el dolor que sentimos por el sufrimiento de nuestros hermanos y hermanas no humanos, amenazados por el demonio minero. Traemos la certeza de que entre los hijos humanos y no humanos de la gran Madre existe un cordón sagrado, por el cual intercambiamos los espíritus cósmicos de nuestros ancestros primordiales. Somos todos criaturas cósmicas, hijos e hijas de la Madre Tierra y por lo mismo símbolos de la fertilidad y la vida.

Traemos la esperanza del verbo esperar, la fe en la liberación de nuestra madre. Traer esperanza y fe en medio de una violencia extrema y extendida por el demonio minero. Nuestra fuerza proviene de la sabiduría de nuestros ancestros y de las energías de la gran Madre; estamos conectados con la memoria cósmica que nos indica el camino que va a restablecer la armonía. Hemos superado la memoria corta de la colonización y la mercantilización desacralizadora. Traigo mi corazón roto y mi espíritu fuerte.

¿HACIA DÓNDE VAMOS?

Para onde vamos?



Con el dolor de las mil y muchas heridas del cuerpo de la gran Madre, de los cuerpos de las hermanas y hermanos no humanos y de nuestros propios cuerpos, y con todas las ofrendas traídas decidimos levantarnos y caminar.

Con las entrañas dolidas nos paramos y emprendemos el camino a nuestro ser interior, donde habita la ancestralidad. En comunidad, en minga y ofrendándonos unos a otros cicatrizaremos las heridas de nuestra vida y de nuestra Madre Tierra. Vamos en busca de sanación, vamos camino hacia un nuevo horizonte posible y libre. Llevamos lo indispensable para nutrirnos, abrigarnos y cuidarnos en el camino. Vamos a caminar, tal vez con bastón y ojalá con una criatura prendida a mi arrugada mano.

Iremos sanando nuestro espíritu mientras caminamos, mientras volvemos despacito y con cariño a los ancestros que se acurrucan en nuestro corazón, en nuestro ser y nuestra existencia. Sanamos juntos, abrazadas, en comunidad y en agradecimiento por toda la riqueza de vida que alberga nuestra Madre Tierra.

Vamos mirando al futuro y al pasado, seguimos andando, llevando nuestra cultura, nuestros modos de vida a cuestras; nues-

Com a dor das mil e muitas feridas do corpo da grande Mãe, dos corpos das irmãs e irmãos não humanos e de nossos próprios corpos, e com todas as oferendas trazidas decidimos nos levantar e caminhar.

Com as entranhas doídas paramos e emprendemos o caminho para o nosso ser interior, onde habita a ancestralidade. Em comunidade, com trabalho comunitário e oferecendo-nos uns aos outros cicatrizaremos as feridas da nossa vida e da nossa Mãe Terra. Vamos em busca da cura, vamos caminhando para um novo horizonte possível e livre. Levamos o indispensável para nos nutrir, nos abrigar e nos cuidar no caminho. Vamos caminhar, talvez com um cajado e tomara que com uma criança presa a minha mão enrugada.

Iremos sanando nosso espírito enquanto caminhamos, voltamos devagar e como carinho aos ancestrais que se abraçam em nosso coração, em nosso ser e nossa existência. Juntas nos curamos, abraçadas, em comunidade e em agradecimento por toda a riqueza de vida que abraça nossa Mãe Terra.

Vamos olhando para o futuro e para o passado, seguimos andando, levando nossa cultura, nossos modos de vida sobre os ombros; nossos

cestos e aguayos cheios de saberes e experiências. Vamos com nossos espíritos, com dignidade, com risos e danças, com o coração palpitante de vida. Aprendemos dos irmãos e irmãs, caminhamos com elas e deixamos a marcas de nosso transitar, as pegadas da nova vida. O caminho é longo e a rota não está traçada, é bom se sentar frente ao cansaço, ao medo e à desorientação, sentar-se frente à grande árvore luminosa que conecta a terra com o cosmos. É preciso seguir.

Vamos com a trilha fazendo nosso caminho e transformando esta realidade ferida. Caminhamos e enquanto o fazemos vamos curando o mundo devastado do que queremos fugir e apesar de todas as dificuldades com as que nos encontramos seguimos andando.

Vamos com o LaudatoSÍ cuidar da Casa común. Vamos juntos, animais e humanos, pela rota da esperança para que esta luta continue. Que nosso caminho se ilumine para cumprir o acordado com Deus, cuidar a criação como herança para as futuras gerações.

Caminhamos e nos congregamos para cumprir o mandato divino, cuidar de nossa grande Mãe natureza, criação de Deus. Caminhamos e comungamos com a divindade cósmica.

tras canastas y aguayos llenos de saberes y experiencias. Vamos con nuestros espíritus, con dignidad, con risas y bailes, con el corazón palpitante de vida. Aprendemos de los hermanos y hermanas, caminamos con ellas y dejamos las huellas de nuestro transitar, las huellas de la nueva vida. El camino es largo y la ruta no está trazada, es bueno sentarse ante el cansancio, el miedo y desorientación, sentarse frente al gran árbol luminoso que conecta la tierra con el cosmos. Hay que seguir.

Vamos con el sendero haciendo nuestro camino y transformando esta realidad herida. Caminamos y mientras lo hacemos vamos sanamos el mundo devastado del que queremos huir y a pesar de todas las dificultades con las que nos encontramos seguimos andando.

Vamos con el LaudatoSÍ, a cuidar la casa común. Vamos juntos, animales y humanos, por la ruta de la esperanza para que esta lucha continúe. Que nuestro camino se ilumine para cumplir lo acordado con Dios, cuidar la creación como herencia para las futuras generaciones.

Caminamos y nos congregamos para cumplir el mandato divino, cuidar de nuestra gran Madre naturaleza creación de Dios. Caminamos y comulgamos con la divinidad cósmica.

Vamos a recuperar la memoria, a reencontrarnos y contemplar la inmensidad y reconocer nuestra pequeña existencia en ella, reconocernos como habitantes de estos territorios, de estas montañas, de esta memoria de ancestralidad guardada allí. Vamos a recuperar nuestra cultura, nuestros modos de vida, nuestros saberes. Vamos allí donde germina la vida en comunidad y en comunión con la tierra. Vamos donde la tierra respira y el agua fluye.

Caminamos y salimos del olvido, recuperamos la memoria y con ella nuestra herencia ancestral, esa que nos conecta a nuestras comunidades, a nuestros territorios, a nuestras cosmovisiones, a nuestros modos de existir. Caminamos y salimos del olvido para saber de dónde venimos, quiénes somos, qué queremos y hacia dónde vamos.

Estamos en éxodo regresando al útero de la Tierra. Vamos a parir, como la Madre nos parió a nosotros para renacer como comunidad. Volvemos a nuestra comunidad, a nuestros ancestros, a nuestros territorios, a nuestro origen, a la Madre Tierra. Nos abrazamos a ella, nos conectamos espiritualmente, nos arraigamos, descolonizamos nuestra mente y nuestro corazón.

Vamos recuperar a memória, reencontrar-nos e contemplar a imensidão e reconhecer nossa pequena existência nela, reconhecer-nos como habitantes destes territórios, destas montanhas, desta memória de ancestralidade guardada lá. Vamos recuperar nossa cultura, nossos modos de vida, nossos saberes. Vamos para lá onde germina a vida em comunidade e em comunhão com a terra. Vamos aonde a terra respira e a água flui.

Caminhamos e saímos do esquecimento, recuperamos a memória e com ela nossa herança ancestral, essa que nos conecta a nossas comunidades, a nossos territórios, a nossas cosmovisões, a nossos modos de existir. Caminhamos e saímos do esquecimento para saber de onde viemos, quem somos, o que queremos e para onde vamos.

Estamos em êxodo regressando ao útero da Terra. Vamos parir como a Mãe nos pariu para renacer como comunidade. Voltamos para nossa comunidade, para nossos ancestrais, para os nossos territórios, para nossa origem, para a Mãe Terra. Abraçamo-nos a ela, nos conectamos espiritualmente, nos enraizamos, descolonizamos nossa mente e nosso coração.

Vamos, caminhando e retornando à origem





cósmica, regeneramos o tempo para que retorne o sagrado como a primeira vez. Estamos viajando ao “fim do mundo” para renascer; saímos do mundo corrompido do demônio mineiro, para recomençar nossa existência junto a todos os seres e forças cósmicas. Caminhamos para a origem, ao genial instante da criação onde todos os nossos ancestrais estão nos esperando para renascer.

Vamos nos tecer, tecendo afetos, tecendo territórios, tecendo resistência. Caminhamos e nos reconhecemos terra também, terra pessoal, terra comunitária, terra espiritual. Caminhamos e seguimos lutando, dando o “mau exemplo” da resistência para que o demônio mineiro não entre nunca mais em nossos territórios.

Vamos com nossos avôs e avós, com a terra, com o que somos, desenredando as mentiras, desandando o andado nestes 500 anos de colonização e exploração pelas bordas deste fim de mundo. Vamos levando em nossas mãos a água e seu espírito para que guie nosso caminho, porque sem ela não há vida, não há sangue, não há esperança.

Vamos, caminando y retornando al origen cósmico, regeneramos el tiempo para que retorne lo sagrado como la primera vez. Estamos viajando al “fin del mundo” para renacer; salimos del mundo corrompido del demonio minero, para recomenzar nuestra existencia junto a todos los seres y fuerzas cósmicas. Caminamos al origen, al instante prodigioso de la creación donde están esperándonos todos nuestros ancestros primordiales para renacer.

Vamos a tejernos tejiendo afectos, tejiendo territorios, tejiendo resistencia. Caminamos y nos reconocemos tierra también, tierra personal, tierra comunitaria, tierra espiritual. Caminamos y seguimos luchando, dando el “mal ejemplo” de la resistencia para que el demonio minero no entre nunca más en nuestros territorios.

Vamos con nuestros abuelos y abuelas, con la tierra, con lo que somos, desenredando las mentiras, desandando lo andado en estos 500 años de colonización y explotación por los umbrales de este fin de mundo. Vamos llevando en nuestras manos el agua y su espíritu para que guíe nuestro camino, porque sin ella no hay vida, no hay sangre, no hay esperanza.

COLOFÓN

Conclusão



Pido permiso a las personas, hombres y mujeres, que tuvieron la generosidad de compartir su palabra para poder expresar unas ideas finales y mi propio sentimiento que dejó en mi corazón su testimonio.

Para las comunidades, la destrucción de la Madre Tierra es la peor catástrofe que pueden experimentar en su vida; su espíritu se arruga de dolor, sufre, llora y se indigna. La resistencia y la decisión de luchar no es resultado de un cálculo racional, frío e imparcial, sino de sentir en su propio cuerpo, colectivo e individual, el dolor de las heridas provocadas por la extracción. Ante las palabras directas de las víctimas de esta violencia atroz, no es posible una respuesta neutra e impersonal y menos indiferente. Nos encontramos cara a cara con el rostro lleno de cicatrices que invade nuestra cómoda conciencia urbana y nos traslada a sus horrores, esos que no se ven porque han sido encubiertos por los espejos que reflejan una prosperidad inexistente. De repente estamos caminando sus territorios destrozados, tejiendo y destejiendo sus angustias, velando y enterrando a sus niños asesinados, a sus niñas violadas. De pronto podemos ver al demonio minero y sus mil máscaras de maldad.

Pereço permissão às pessoas, homens e mulheres, que tiveram a generosidade de compartilhar sua palavra para poder expressar umas ideias finais e meu próprio sentimento que deixou em meu coração seu testemunho.

Para as comunidades, a destruição da Mãe Terra é a pior catástrofe que podem experimentar em sua vida; seu espírito se murcha de dor, sofre, chora e se indigna. A resistência e a decisão de lutar não é resultado de um cálculo racional, frio e imparcial, senão de sentir em seu próprio corpo, coletivo e individual, a dor das feridas provocadas pela extração. Diante das palavras diretas das vítimas desta violência atroz, não é possível uma resposta neutra e impessoal e menos indiferente. Encontramo-nos cara a cara com o rosto cheio de cicatrizes que invade nossa cômoda consciência urbana e nos transporta aos seus horrores, esses que não são vistos porque foram encobertos pelos espelhos que refletem uma prosperidade inexistente. De repente estamos caminhando seus territórios destruídos, tecendo e destecendo suas angústias, velando e enterrando os seus filhos assassinados, as suas filhas violentadas. De repente, podemos ver o demônio mineiro e suas mil máscaras de maldade.

Mulheres e homens com corpos doloridos, lutando pela defesa da vida em um mundo indiferente e cruel, obrigados a engolir a dor e a suportar toda a morte que o demônio mineiro gravou em sua pele com o passar dos anos. Como a pele de Mónica, Yolanda, Alirio e Hernán, filhos desta Abya Yala ferida. Parto desses rostos como a única fonte de toda a verdade deste crime infame, porque da sua tristeza e também da sua alegria nos convocam a amar a vida em todas as suas formas. Elas e eles nos trazem sua indignação e também sua riqueza, sua fragilidade e também sua fortaleza, nos trazem sua resistência. A nós não nos resta mais do que recebê-los e hospedá-los em nosso coração. A verdade que trazem suas palavras excede todo o pensamento que tente neutralizar sua apelação por justiça e me compromete com sua dor, com sua resistência, com sua luta.

A palavra destas mulheres e homens traz consigo a voz da terra que grita, que exige justiça, que penetra meu limitado espaço subjetivo e faz aparecer a intenção divina do cosmos reclamando seu reconhecimento, ou meu reconhecimento como entidade cósmica. A voz da terra e de seus filhos e filhas humanos e não humanos me leva diante da

Mujeres y hombres con cuerpos dolidos, bregando la defensa de la vida en un mundo indiferente y cruel, obligados a tragarse el dolor y a soportar toda la muerte que el demonio minero ha grabado en su piel con el paso de los años. Como la piel de Mónica, Yolanda, Alirio y Hernán, hijos de esta Abya Yala herida. Parto de esos rostros como la fuente única de toda la verdad de este crimen infame, porque desde su tristeza y también desde su alegría nos convocan a amar la vida en todas sus formas. Ellas y ellos nos traen su indignancia y también su riqueza, su fragilidad y también su fortaleza, nos traen su resistencia. A nosotros y nosotras no nos queda más que recibirlos y hospedarlos en nuestro corazón. La verdad que traen sus palabras excede todo pensamiento que intente neutralizar su apelación por justicia y me compromete con su dolor, con su resistencia, con su lucha.

La palabra de estas mujeres y hombres traen consigo la voz de la tierra que grita, que exige justicia, que rompe mi cerrado espacio subjetivo y hace aparecer la intención divina del cosmos reclamando su reconocimiento, o mi reconocimiento como entidad cósmica. La voz de la tierra y de sus hijos e hijas humanos y no humanos me lleva ante la presencia mis-

ma de la divinidad, entonces estoy frente al absoluto que demanda mi compromiso. El grito de la Tierra es el grito de Dios que emerge en la palabra de cada hombre y mujer que dan su verdad, esa verdad que golpea, que lastima que hiere y me hace sangrar como sangran los cerros, los ríos, el oso, el jaguar, la anaconda, las niñas asesinadas. El grito que no se puede silenciar produce en mí la verdad, que no es mi verdad, sino aquella que se libera del olvido y se hace presente como requerimiento.

Las palabras que testimonian el dolor de la tierra y sus hijos no están dirigidas a mi entendimiento, no se ofrecen a mi desciframiento, se dirigen a mi corazón y más allá de él, al corazón de la humanidad. Es desde allí que nace la empatía y se produce en mí la verdad de los que sufre, la verdad de la niña que enfermó por la mina de carbón en la Guajira, de la mujer que fue enterrada en la rotura de la represa Córrego do Feijão en Brumadinho, la verdad de Alaíde, de Neri, de Vanussa, de Anacleta; la verdad de nuestros antepasados. En el dolor que siento por cada palabra de dolor dicha y compartida, la verdad de la humanidad que resisten la deshumanidad del demonio minero se produce como milagro. Y de pronto estoy

presença mesma da divindade, então estou frente ao absoluto que demanda meu compromisso. O grito da Terra é o grito de Deus que emerge na palavra de cada homem e mulher que dão sua verdade, essa verdade que golpeia, que lastima, que fere e me faz sangrar como sangram os montes, os rios, o urso, o jaguar, a anaconda, as meninas assassinadas. O grito que não pode ser silenciado produz em mim a verdade, que não é minha verdade, senão aquela que se libera do esquecimento e se faz presente como requerimento.

As palavras testemunham a dor da terra e dos seus filhos não estão direcionadas ao meu entendimento, não permitem a minha decifração, se dirigem ao meu coração e além dele, ao coração da humanidade. É a partir daí que nasce a empatia e se produz em mim a verdade dos que sofrem, a verdade da menina que se adoentou em razão da mina de carvão em Guajira, da mulher que foi enterrada no rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão em Brumadinho, a verdade de Alaíde, de Neri, de Vanussa, de Anacleta; a verdade de nossos antepassados. Na dor que sinto por cada palavra de dor dita e compartilhada, a verdade da humanidade que resiste à desumanidade

dade do demônio mineiro se produz como milagre. E de repente, estou vindo do as pegadas que o caminhar de Jesus deixa, as pegadas das avós e dos avôs que caminharam, semearam e colheram vida e resistência por todo esse Abya Yala.

Na palavra que abre a verdade da dor, sua manifestação verbal coincide com a própria dor, pode-se dizer que a dor contribui para a sua própria manifestação e permanece exterior a qualquer neutralização que a possa negar. A dor se faz presente sem declarar seu nome, somente se deixa sentir e diz “aqui estou batendo na tua consciência e no teu coração e não pode escapar de mim, somente pode me invocar com tua responsabilidade”. Esta apresentação da dor que se oculta na cotidianidade cômoda e indiferente ou nos dados estatísticos é um claro chamado à resistência.

mirando las huellas que deja el caminar de Jesús, las huellas de las abuelas y los abuelos que caminaron, sembraron y cosecharon vida y resistencia por todo este Abya Yala.

En la palabra que abre la verdad del dolor, su manifestación verbal coincide con el dolor mismo, se puede decir que el dolor asiste a su propia manifestación y permanece exterior a cualquier neutralización que lo pueda negar. El dolor se hace presente sin declarar su nombre solo se deja sentir y dice aquí estoy golpeando tu consciencia y tu corazón y no puedes escapar de mí, solo puedes conjurarme con tu responsabilidad. Esta presentación del dolor que se oculta en la cotidianidad cómoda e indiferente o en los datos estadísticos es un claro llamado a la resistencia.



Referencias

- Ejército Zapatista de Liberación Nacional. https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2001/2001_03_24.htm
- Iglesias y Minería. <https://iglesiasymineria.org/quienes-somos/>
- Laudato Sí. <https://www.vidanuevadigital.com/documento/enciclica-laudato-si-del-papa-francisco-pdf/>
- Levinas, Emmanuel. Totalidad e Infinito, Ensayos sobre la Exterioridad. Salamanca: Sígueme, 1977.
- Rueda, Salvador. “La lucha de la memoria contra el olvido”. *Historias* 13 (1986) 142-145. <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/15197>

Referências

- Exército Zapatista de Libertação Nacional. https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2001/2001_03_24.htm
- Igrejas e Mineração. <https://iglesiasymineria.org/quienes-somos/>
- Laudato Sim. <https://www.vidanuevadigital.com/documento/enciclica-laudato-si-del-papa-francisco-pdf/>
- Levinas, Emmanuel. Totalidad e Infinito, Ensayos sobre la Exterioridad. Salamanca: Sígueme, 1977.
- Rueda, Salvador. “La lucha de la memoria contra el olvido”. *Historias* 13 (1986) 142-145. <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/historias/article/view/15197>



**Pontificia Universidad
Católica del Ecuador**

ISBN: 978-9978-77-774-9



9789978777749